

Organizadores:
Leonardo Pinho
Jorge Henrique Morais da Silva
Anne Sena



UNISOL Brasil
Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários



**Respostas das cooperativas e da economia
solidária frente à crise social, econômica e
sanitária da COVID-19 no Brasil**



Organizadores:
Leonardo Pinho
Jorge Henrique Moraes da Silva
Anne Sena

**Respostas das cooperativas e da economia
solidária frente à crise social, econômica e
sanitária da COVID-19 no Brasil**

1ª edição



Santo André-SP
Dezembro de 2020

Ficha técnica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Respostas das cooperativas e da economia solidária frente à crise social, econômica e sanitária da Covid-19 / Leonardo Pinho, Jorge Henrique Moraes da Silva, Anne Sena (organizadores). - Santo André: Coopacesso, 2020.
104 p.

ISBN: 978-85-89139-06-5

1. Cooperativas 2. Economia solidária 3. Crise 4. Pandemia - Covid-19 I. Pinho, Leonardo II. Silva, Jorge Henrique Moraes da III. Sena, Anne IV. Título.

CDD-334

Índices para catálogo sistemático:

1. Cooperativismo 334

Comissão avaliadora:

Marianne Schorer: <http://lattes.cnpq.br/7269907222395948>

Katia Liane Rodrigues Pinho: <http://lattes.cnpq.br/3654989719274635>

Sheyla Saori Iyusuka: <http://lattes.cnpq.br/5497689982369915>

Renata Paparelli: <http://lattes.cnpq.br/9413315781968597>

Luís Henrique do Nascimento Gonçalves: <http://lattes.cnpq.br/6707128167904356>

Odair Furtado: <http://lattes.cnpq.br/9413315781968597>

Márcio Farias: <http://lattes.cnpq.br/9144214632871327>

Imagem de capa: Clker-Free-Vector-Images por Pixabay

Foto de capa: Luiza Maria Souza Campos

Arte Final: Leonardo J. D. Campos

Produção editorial:

COOPACESSO

Cooperativa de Trabalho Acesso Cultural Educacional Sustentável Solidária

Avenida Queirós Filho, 2.690 - Sala 1 - Vila Guaraciaba,

Santo André-SP / 09121-587

(11) 9.9732-4278

www.coopacesso.org // coopacesso@coopacesso.org

A responsabilidade da COOPACESSO se restringe à edição e publicação desta obra. Os conteúdos da mesma são de responsabilidade exclusiva dos organizadores. Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, seja no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais (lei 9.610/98).

Sumário

Apresentação	7
1- Ações em Rede: Orgânicos Solidários para Cooperação e Enfrentamento a Pandemia.....	11
2- Circuitos curtos de comercialização em tempos de pandemia: a experiência do grupo de produtoras do acampamento Elizabeth Teixeira.....	23
3- Produção cooperada para enfrentamento à Covid-19: a experiência dos núcleos de agroecologia da Cooperativa Cooperana.....	35
4- Ações da Rede de Cooperação Solidária de Mato Grosso para o enfrentamento da crise social provocada pela pandemia da COVID-19.....	43
5- Comitê Solidariedade: Redes de Economia Solidária como alternativa à crise do COVID-19.....	55
6- Reinvenção da produção: uma estratégia solidária para o enfrentamento de tempos desafiadores no tear	67

7- Experiências de saúde mental e de economia solidária em tempos de pandemia	73
8- Reabilitação, Trabalho e Arte na pandemia da COVID-19: desafios da geração de renda em saúde mental	83
9- Economia Solidária em Saúde Mental à frente da COVID 19: Caso “Makeba Bijus”	93

Apresentação

A Central de Cooperativas Unisol Brasil e a Cooperativa AMATER apresenta a vocês a publicação “Respostas das cooperativas e da economia solidária frente à crise social, econômica e sanitária da COVID-19 no Brasil”.

Essa publicação é parte dos esforços da Unisol Brasil em fortalecer iniciativas de intercooperação, nesse caso, reunindo a Cooperativa AMATER, que trabalha com assessoria técnica e a Cooperativa Coopacesso, que é uma editora.

A pandemia gerada pelo COVID 19 em todo mundo teve impactos enormes na sociedade brasileira, tanto em aspectos de sociabilidade, quanto nas esferas políticas – institucionais e na economia brasileira.

O necessário isolamento social, combinado com o negacionismo do governo federal, gerou impactos importantes, aumentando as taxas de desemprego, de fechamento de micro e pequenas empresas e o aumento da informalidade.

Diferente, de países como Argentina e Inglaterra, que criaram políticas de proteção do emprego e de incentivos fiscais, o Brasil, assistiu o governo federal usar a pandemia como “oportunidade” para atacar direitos dos trabalhadores e trabalhadoras e favorecer a suspensão dos contratos de trabalho.

Além, dos impactos econômicos, assistimos o negacionismo científico, aumentando assim as taxas de contágio e conseqüentemente de mortalidade no país. A recente politização da vacina, as teorias da conspiração, criaram uma narrativa de uma nova “revolta da vacina”¹.

Em meio, a esse cenário os empreendimentos econômicos solidários e as cooperativas se viram num imenso desafio: como manter vivos nossos empreendimentos e ao mesmo tempo cuidar da saúde dos cooperados e de toda a comunidade?

Essa publicação busca dar visibilidade as diversas experiências que em meio a pandemia reafirmaram o 6 (sexto) e o 7 (sétimo) princípio cooperativo da Aliança Cooperativa Internacional (ACI), o de intercooperação e de interesse pela comunidade.

Os empreendimentos econômicos solidários e as cooperativas demonstraram novamente que é possível unir a economia ao conjunto da dinâmica social, é possível, gerar renda e ao mesmo tempo, ser solidário. A Economia Solidária em tempos de pandemia reafirmou a necessidade de construirmos um modelo de desenvolvimento que combine a dimensão econômica, aos direitos humanos, a progressividade dos direitos econômicos, sociais, ambientais e políticos.

A Unisol Brasil e a Cooperativa Amater desejam que essas experiências diversas aqui relatadas sejam inspiração para a produção de novas práticas sociais e econômicas e que sejam adubo para florescer uma nova economia, um novo desenvolvimento,

1. A **Revolta da Vacina** aconteceu no Rio de Janeiro, quando ainda era capital do Brasil, entre os dias 10 e 16 de novembro de 1904. O povo insatisfeito protestou contra a Lei da Vacinação Obrigatória e também contra os serviços públicos prestados. A **anti-varíola** foi a vacina responsável por essa revolta.

socialmente justo, ambientalmente sustentável e economicamente viável.

Boa Leitura!!

Anne Guiomar Sena

Jorge Silva

Leonardo Pinho

1- Ações em Rede: Orgânicos Solidários para Cooperação e Enfrentamento a Pandemia

Jorge Henrique Morais da Silva,

<http://lattes.cnpq.br/4224926470918743>

Milene Amedi,

<http://lattes.cnpq.br/7113810788703848>

RESUMO:

Neste artigo descrevemos a iniciativa coletiva de enfrentamento a insegurança alimentar e nutricional através da aquisição de produtos agroecológicos, orgânicos e artesanais diretamente dos produtores rurais e suas organizações da economia solidária, possibilitando a geração de renda e a distribuição de alimentos para famílias, grupos e comunidades periféricas em situação de vulnerabilidade. Busca trazer um breve relato desta experiência muito importante e gratificante para seus participantes.

PALAVRAS-CHAVE: Cooperação. Segurança Alimentar. Comunidades. Periferias. Economia Solidária.

INTRODUÇÃO

A Associação de Agricultura Natural de Campinas e Região (ANC) é uma associação de produtores, consumidores, pesquisadores e extensionistas que surgiu em 1991, inicialmente com a demanda de comercializar produtos de base ecológica na região de Campinas. Uma das principais atividades da ANC é a certificação de produtos orgânicos, através do sistema participativo de garantia, onde a qualidade dos produtos é aferida pelos produtores, consumidores, técnicos e outros membros da sociedade que tenham interesse em participar do processo.

Diante da pandemia do novo coronavírus, muitas comunidades e organizações sofreram impactos de ordem social e econômica. De um lado famílias de produtores rurais impactadas pela interrupção de seus canais de comercialização, muitas delas correndo sérios riscos de perdas e prejuízos com sua produção e única fonte de renda, enquanto na outra ponta muitas famílias em áreas urbanas periféricas e em situação de vulnerabilidade social sofreram com prejuízos econômicos, como desemprego, correndo sérios riscos de insegurança alimentar.

É muito importante observarmos que no cotidiano da vida humana independente de estar nas metrópoles, cidades grandes, ou no contexto rural, a pandemia expôs uma crise sem precedentes, apontando para escassez dos recursos naturais, a degradação ambiental e escancara a crise dos meios de produção, seja na constatação de um distanciamento das áreas de produção com o mercado consumidor, seja na concentração dos sistemas de distribuição de alimentos.

Desse modo queremos compartilhar neste breve relato, a ação coletiva de enfrentamento a pandemia através de um arranjo produtivo com base na estratégia da rede de cooperação entre produtores e suas organizações produtivas, comunidades e

organizações nas periferias das cidades enquanto instrumentos efetivos para levar comida saudável para quem mais precisa.

METODOLOGIA

A ANC, em parceria com a Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários (UNISOL Brasil) da qual é filiada, juntamente com a Cooperativa Entre Serras e Águas e a Cooperativa Central do Vale do Ribeira, promoveu ação de aquisição direta de alimentos naturais, agroecológicos e orgânicos, materiais de higiene e limpeza dos produtores, cooperativas, empreendedores, organizações da economia solidária para distribuição às famílias através da rede de cooperação formada entre grupos, instituições, escolas e comunidades periféricas. A iniciativa foi possível graças ao apoio dos parceiros: Fundação Banco do Brasil, BB Seguros, Banco BV e Cooperforte - Cooperativa de Crédito.

DESENVOLVIMENTO

O início do isolamento social como condição fundamental para prevenir a vida das pessoas por conta do avanço da pandemia do novo coronavírus, trouxe impactos na vida das pessoas muito significativos. Impôs um novo momento de reorganização do cotidiano familiar e produtivo.

O projeto coletivo da ANC com a UNISOL Brasil teve como referência as atividades de construção e consolidação da autonomia econômica de famílias produtoras agroecológicas, principalmente mulheres, e de Redes de Cooperação Solidária, por meio do fomento à produção e a garantia de sua distribuição às famílias que, geralmente, estão fora do circuito de consumo de alimentos agroecológicos e orgânicos. Para tanto, articulou 03 Redes de

Cooperação no Estado de São Paulo e mais outras 17 Redes espalhadas pelo país.

A promoção da ação de aquisição direta de alimentos naturais, agroecológicos, orgânicos, materiais de higiene e limpeza dos produtores, cooperativas, empreendedores, organizações da economia solidária para distribuição às famílias identificadas em grupos, instituições e comunidades periféricas foi possível em parceria com a Fundação Banco do Brasil, BB Seguros, Banco BV e Cooperforte - Cooperativa de Crédito com base nas diretrizes e ações de assistência social e saúde na proteção de vidas para transformar realidades, quem tem fome, tem pressa. Com este arranjo, a campanha trouxe uma perspectiva inovadora de solidariedade. Movimento que possibilitou o sorriso no rosto de todos que participaram do ciclo da ação: desde o produtor rural colhendo com satisfação o alimento, sabendo exatamente para onde iria; aquele que ajudou no processo de embalagem e armazenamento, os motoristas que garantiram a ponte, os que ajudaram a carregar e descarregar com muito cuidado e empenho; os cooperados, os funcionários das instituições (escolas e demais organizações) que atuaram na montagem e distribuição dos alimentos e por fim, aquele sorriso no rosto das famílias atendidas.

Numa ponta houve aquisição de produtos para montagem de cestas de produtos orgânicos, trouxe um giro econômico para os produtores, na outra ponta distribuiu as cestas para aqueles que mais precisam oportunizando com que famílias tenham acesso a alimentos de melhor qualidade e garantindo a segurança alimentar e nutricional. As cestas foram compostas por mais de 20 quilos de alimentos diversificados: arroz, açúcar mascavo, feijão, leite, folhas e verduras, raízes e frutas. A cesta também foi composta por alguns produtos de higiene e limpeza, a fim de auxiliar as famílias no combate e prevenção ao novo coronavírus.

À ANC coube o desafio de: um lado organizar em conjunto com os produtores os processos de compra direta e a logística para entrega, e de outro articular em conjunto com as organizações comunitárias os pontos de entrega. Cabe destacar que nesta articulação, cada organização trouxe importantes voluntários que participaram no acompanhamento das entregas dos produtos, como na organização e montagem das cestas, sendo fundamentais para o êxito da campanha.

Em duas etapas de atuação, ao todo foram entregues um total de 4.000 (quatro mil) cestas adquiridas de 56 cooperativas da agricultura familiar, dos assentamentos de reforma agrária, dos associados da ANC e da Rede UNISOL Brasil, totalizando mais de 90 toneladas de alimentos distribuídos. O resultado foi um importante gerador de renda no campo, uma excepcional sinergia de solidariedade nas periferias das cidades e a promoção de uma campanha consciente com base na promoção da saúde, segurança alimentar e nutricional e foco na economia solidária.

Relacionamos abaixo o conjunto das organizações, comunidades escolares, instituições sociais e comunitárias atendidas, assim como as organizações, centrais de cooperativas de produtores e pequenas empresas envolvidas com essa grande ação.

Relação de Organizações Atendidas

Organização	Município/Estado
Associação Bragantina de Combate ao Câncer	Bragança Paulista/SP
Associação de Pais e Mestres EE Profª Maria José Moraes Salles	Bragança Paulista/SP
Casa da Benção – Mantenedora da Ação Social Espírita	Bragança Paulista/SP
Vila São Vicente de Paulo de Bragança Paulista	Bragança Paulista/SP
Associação Comunitária de Habitação	Bragança Paulista/SP

Organização	Município/Estado
Popular de Bragança Paulista	
Associação Grupo de Saúde Raios de Sol	Bragança Paulista/SP
Comunidade de Promoção Social - Comunidade Sorriso	Bragança Paulista/SP
Espaço de Convivência e Aprendizado – ECOA	Bragança Paulista/SP
Escola Espírita Allan Kardec	Bragança Paulista/SP
ONG Unidos da Zona Norte	Bragança Paulista/SP
Mitra Diocesana de Bragança Paulista - Paróquia São Benedito	Bragança Paulista/SP
Mitra Diocesana de Bragança Paulista -Área Pastoral Santa Clara de Assis	Bragança Paulista/SP
EMEF Maria Pavanatti Fávaro	Campinas/SP
EMEF EJA Presidente Floriano Peixoto	Campinas/SP
Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis –Renascer	Campinas/SP
Associação de Moradores do Jardim Sapopemba	Diadema/SP
Associação Moradores do Parque Capuava	Santo André/SP
Associação de Moradores do Jardim Aprezível	Ribeirão Pires/SP
Associação de Moradores da Estrada do Montanhão	São Bernardo do Campo/SP

Fonte: Elaboração própria

Relação de Organizações Produtivas Envolvidas

Fornecedores	Município/Estado
Associação Cornélia Maria Elizabeth Van Hylckama Vlieg	Campinas/SP
Bragança Embalagens - EIRELI – ME	Bragança Paulista/SP
CAMP CLEAN Com Import E Export LTDA	Campinas/SP
Carlos Rogério Brolo - Produtor Rural ANC	Indaiatuba/SP
COOPERACRA - Coop Agricultura Familiar e Agroecologia	Americana/SP
Cooperativa Central de Reforma Agrária de	São Miguel do Oeste/SC

Fornecedores	Município/Estado
Santa Catarina - CCA/SC	
Cooperativa Central do Vale do Ribeira	Santo André/SP
Cooperativa dos Assentados da Região do Contestado	Bragança Paulista/SP
Cooperativa dos Produtores Rurais E Da Agricultura Familiar Do Município De Juquiá – COOPAFARGA	Juquiá/SP
Cooperativa Entre Serras E Águas	Bragança Paulista/SP
COOPEROESTE – Coop Reg. De Comerc. Do Extremo Oeste	São Miguel do Oeste/SC
COOTAP - Cooperativa dos Trabalhadores Assentados da Região Porto Alegre Ltda	Eldorado do Sul/RS
COPAVI – Cooperativa de Produção Agropecuária Vitoria	Paranacity/PR
GIROPLASTIC Recuperação e Confecção de Plásticos EIRELI ME	Campinas/SP
Gregório Martins. Produtor Rural ANC	Nazaré Paulista/SP
KAKÁ Produtos de Limpeza EIRELI	Campinas/SP
NOVA LIMP Com De Embalagens E Descartáveis LTDA	Santo André/SP
Sidnei Barrel e Outra - Produtor Rural ANC	Socorro/SP
SÍTIO RECANTO FELIZ. Rosangela Borges Ribeiro. Produtora Rural ANC	Americana/SP
SM Supermercados Mendonca LTDA	Bragança Paulista/SP
Wesley Luy Pereira Estevam da Rocha – Produtor Rural ANC	Atibaia/SP

Fonte: Elaboração própria

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A integração e esforços coletivos desempenharam o sucesso e a efetividade da ação, foram muitos agentes envolvidos que proporcionaram o objetivo maior de garantir a segurança alimentar e nutricional em tempos de pandemia e garantir renda para os

produtores rurais e suas organizações, para que continuem produzindo comida saudável levando do campo para a cidade.

Destaque também para a solidariedade mútua das famílias do acampamento rural dos trabalhadores sem terra Marielle Vive, no município de Valinhos, SP, que muito contribuíram nos esforços voluntários para apoio na organização das cestas nos pontos de entrega em Campinas/SP, bem como os trabalhadores da educação, as lideranças comunitárias de cada um dos municípios recebedores das cestas, enfim foram muitos envolvidos para além das organizações elencadas. Acreditamos que o impacto junto às famílias é muito maior do que foi possível observar neste curto espaço de tempo.

Nosso entendimento é que as ações articuladas são possíveis pelo permanente esforço mútuo de troca de experiências, informações e cooperação para um trabalho coletivo. A continuidade dessa integração entre os diversos envolvidos têm como foco construir oportunidades para o fornecimento de alimentos saudáveis, livres de agrotóxicos, por preços acessíveis às famílias das comunidades.

Os impactos da pandemia do coronavírus continuam sendo avaliados por agentes e autoridades de saúde, professores, pesquisadores, entre outros mas, cabe destacar em nossa observação do cenário, a atenção em especial às mulheres das comunidades periféricas e da agricultura familiar. Nas ações comunitárias, nos grupos informais dos bairros, nas redes de produtores nota-se a participação e liderança, na sua maioria, por mulheres, que estão lidando com situações mais adversas para garantir a alimentação das suas famílias, os cuidados com as crianças e os idosos.

Por fim, a questão da alimentação é um dos temas que mais conecta nossa sociedade neste contexto da pandemia. Desse modo, trazer o alimento orgânico e agroecológico para a mesa das famílias

periféricas valoriza o trabalho dos produtores que respeitam à natureza, protegem os ecossistemas, aproximam o fruto do trabalho das famílias do campo aos consumidores. Queremos acreditar que a pandemia traz um alerta significativo, podendo ser o momento para inflexão das relações sociais e do modelo econômico que nossa sociedade vem vivenciando, no sentido de construir outro modelo, baseado no respeito a vida, em sua plenitude. É muito gratificante que esse processo possibilitou novos processos de aprendizagem a todos os envolvidos.



FIGURA 1 - LOGO ANC
ORGÂNICOS



FIGURA 2 CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DA
AÇÃO

Solidary Organics Network Actions for Cooperation and Confronting the Pandemic

ABSTRACT

In this article we describe the collective initiative to tackle food and nutritional insecurity through the acquisition of agro-ecological, organic and artisanal products directly from rural producers and their solidarity economy organizations, enabling the generation of income and the distribution of food to families, groups and peripheral communities in vulnerability situation. It seeks to bring a brief account of this very important and rewarding experience for its participants.

KEYWORDS: Cooperation. Food Security. Communities. Peripheries. Solidarity economy.

REFERÊNCIAS

PINHO, L. P. e Bueno, L. **A Segurança Alimentar e Nutricional como prioridade na crise do COVID-19**. Artigo publicado na Revista Reconexão Periferias, edição n.13 de junho/2020, p.03-05, Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2020. Acessado em 31/07/2020. Disponível em <https://fpabramo.org.br/publicacoes/estante/revista-reconexao-periferias-junho-2020/>

Otta, D. e Iysuka, S. **Aproximando pessoas ao Meio Ambiente para Enfrentamento da Pandemia**. Artigo publicado na Revista Reconexão Periferias, edição n.13 de junho/2020, p.06-08, Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2020. Acessado em 31/07/2020. Disponível em <https://fpabramo.org.br/publicacoes/estante/revista-reconexao-periferias-junho-2020/>

2- Circuitos curtos de comercialização em tempos de pandemia: a experiência do grupo de produtoras do acampamento Elizabeth Teixeira

Bruno Cheracomo

(link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7577676698411310>)

Vanilde Ferreira de Souza-Esquerdo

(link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9535960068552016>)

RESUMO:

Sob a luz da agroecologia, da economia solidária e da luta pela terra, o Grupo de Produtoras do Elizabeth Teixeira produz alimentos saudáveis e ecológicos, gerando renda e contribuindo para a alimentação das famílias. O grupo distribui cestas de alimentos agroecológicos em dois grupos de consumo, um em Limeira-SP e outro em Campinas-SP. Devido a organização das agricultoras e do apoio de colaboradores, os grupos de consumo conseguiram não só manter o número de consumidores como aumentar, proporcionando o escoamento da produção e a garantia de renda. Os desafios impostos pela pandemia do COVID-19 são diversos, desde a incerteza

de como será o dia de amanhã até todos os danos psicológicos provocados por uma vida em isolamento. Tendo em vista todos os desafios, este trabalho objetivou evidenciar o trabalho das agricultoras do Grupo de Produtoras do Elizabeth Teixeira a respeito da produção e da comercialização de produtos agroecológicos, apontando elementos da dinâmica produtiva e organizacional deste grupo. A pesquisa foi feita por meio de revisão bibliográfica e muitos dos dados advém de um projeto de iniciação científica realizado na Faculdade de Engenharia Agrícola da Unicamp (FEAGRI-UNICAMP). As atualizações necessárias foram feitas por meio do contato com as agricultoras do grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Agroecologia. Economia solidária. Agricultura familiar.

INTRODUÇÃO

A agroecologia enquanto ciência, prática e movimento propõe a transição do modelo do agronegócio, com práticas agrícolas insustentáveis, para um modo de agricultura ecológica, partindo de propostas coletivas de caráter participativo que transformem e superem as relações de exploração social e ambiental, desde a produção à circulação de produtos. Ou seja, a transição de uma agricultura convencional para outra que seja socialmente justa, economicamente viável e ecologicamente correta, sempre levando em conta o âmbito local da produção e os saberes tradicionais dos povos (GUZMÁN CASADO et al, 2000).

Nos últimos tempos vêm se verificando um fenômeno de proliferação de iniciativas e práticas socioeconômicas que levam em consideração o ser humano, dentre elas destaca-se a economia solidária. Pautada numa lógica diferente de rentabilidade, a economia solidária não pressupõe a noção smithiana da autorregulação do mercado por meio da oferta e da procura, mas sim tem como prioridade o atendimento das necessidades ou demandas exprimidas por grupos locais em relações de troca socialmente saudáveis e solidárias (FRANÇA FILHO, 2002).

O Grupo de Produtoras Elizabeth Teixeira atua para com a economia solidária e é formado por seis agricultoras e um agricultor, que produzem diversos alimentos, tendo como base a agroecologia, e os comercializam em dois grupos de consumo, no formato de cestas, nas cidades de Limeira-SP e Campinas-SP. Este grupo está localizado no acampamento Elizabeth Teixeira, em Limeira-SP e faz parte do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST).

No contexto da pandemia do COVID-19 percebe-se um aumento pela procura de produtos orgânicos (PREISS, 2020). Em função disso, este artigo objetivou apresentar o trabalho realizado pelo Grupo de Produtoras Elizabeth Teixeira quanto à produção e comercialização

de produtos produzidos de forma sustentável, bem como verificar a dinâmica produtiva e organizacional deste grupo durante a pandemia.

METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado a partir de uma revisão bibliográfica sobre os temas que envolvem a experiência do Grupo de Produtoras Elizabeth Teixeira. As informações sobre a caracterização do grupo derivam de um projeto de Iniciação Científica (IC), realizado na Faculdade de Engenharia Agrícola da Unicamp (FEAGRI-UNICAMP) (CHERACOMO e ESQUERDO, 2019), onde o aluno realizou entrevistas semiestruturadas com as agricultoras e com os consumidores. Desta forma, grande parte dos dados aqui apresentados são originários desta IC.

Para a realização das entrevistas utilizamos um roteiro de entrevistas. As entrevistas semiestruturadas com as seis agricultoras e com o agricultor aconteceram durante algumas visitas ao acampamento Elizabeth Teixeira e visaram obter informações sobre a formação do grupo e se estavam satisfeitas com esta forma de circuitos curtos de comercialização. Já com os consumidores, as entrevistas aconteceram durante a entrega das cestas de produtos ou em algum horário previamente agendado, e tiveram como objetivo entender a formação do grupo de consumo, e também o motivo que os fazem consumir os produtos das cestas agroecológicas e se estavam satisfeitos com o grupo. Os dados das entrevistas foram organizados e sistematizados em tabelas e gráficos e posteriormente foram analisados.

As atualizações sobre a comercialização do Grupo de Produtoras Elizabeth Teixeira durante a pandemia foram realizadas por meio de uma entrevista com uma das agricultoras do grupo via aplicativo de mensagem-*Whatsapp*.

DESENVOLVIMENTO

O Grupo de Produtoras Elizabeth Teixeira é composto por seis agricultoras e um agricultor que possuem em média de 50 anos de idade e, de modo geral, pararam os estudos antes do Ensino Médio. O Quadro 1 apresenta alguns dados sociais sobre o grupo, como a quantidade de pessoas que vivem nos lotes, divididos em mulheres (M), homens (H) e crianças (C). A origem da maioria das agricultoras é do estado de São Paulo e a maioria não possuía experiência com produção rural antes da ocupação, algumas tiveram esse contato na infância.

Tabela 1:

Dados sobre o Grupo de Produtoras Elizabeth Teixeira

Agricultoras e agricultor	Idade e escolaridade	Pessoas que vivem nos lotes	Origem da família	Experiência com produção rural antes da ocupação
Agricultora 1	59 anos/4ª série	1M	Marília-SP	Não, apenas quando criança
Agricultora 2	43 anos/4ª série	1M, 1H, 3C	Campinas-SP	Não
Agricultora 3	43 anos/8ª série	1M, 1H, 4C	São Vicente-SP	Sim
Agricultora 4	57 anos/8ª série	1M, 1H	Campinas-SP	Não, apenas quando criança
Agricultora 5	26 anos/ ensino médio completo	2M, 3H	Conoinhas-SC	Não
Agricultora 6	48 anos/1ª série	1M, 1H	Guaraci-PR	Sim

Agricultor ²	77 anos/4ª série	1H	Águas de Santa Bárbara-SP	Slm
-------------------------	------------------	----	---------------------------	-----

Fonte: *CHERACOMO e ESQUERDO, 2019*

O grupo enfrenta grandes desafios pela falta de regularização do acampamento como um assentamento. Esses desafios estão relacionados principalmente com a falta de alguns serviços básicos de infraestrutura, como: coleta de lixo, energia elétrica e água encanada. A água utilizada pelas agricultoras é proveniente de caminhões pipa e é depositada em caixas d'água, sendo uma parte utilizada para irrigar a produção por meio de regadores manuais e a outra parte usada para o consumo das famílias e, muitas vezes, o volume não é suficiente para o atendimento de suas necessidades.

Apesar das dificuldades, o grupo de produtoras tem uma produção variada de alimentos produzidos sem o uso de agrotóxicos ou fertilizantes químicos, lançando mão de adubos (esterco animal) e caldas orgânicas. Importante ressaltar que os mecanismos de fertilização e proteção das culturas são resultados, principalmente, de agroecossistemas equilibrados, dada a variedade de plantas cultivadas no mesmo espaço (ALTIERI, 2002). As agricultoras trabalham para o fortalecimento da sua segurança alimentar, não distinguindo o que é plantado para a venda do que é plantado para o consumo da família.

Todas as agricultoras se mostram muito favoráveis ao sistema de comercialização em circuitos curtos, nos quais elimina-se ao máximo

² A participação do agricultor no grupo é referente ao transporte das cestas de alimentos para os grupos de consumo. Em função disto, ao longo do texto, o grupo frequentemente será tratado como um grupo de mulheres, as quais trabalham nas funções do planejamento produtivo e financeiro do grupo, na organização da produção e das entregas, na produção dos alimentos e no acompanhamento da venda dos produtos, tendo este grupo como princípios norteadores a economia feminista onde elas são o centro de todas as decisões.

intermediários no processo de comercialização, aproximando produtores e consumidores. Os principais apontamentos favoráveis são a diminuição das perdas produtivas, uma vez que no sistema de cestas a venda já é prevista anteriormente, facilitando o planejamento produtivo. Além disso, a responsabilidade com as entregas fortalece o nome do acampamento Elizabeth Teixeira como uma produção familiar e agroecológica.

As produtoras entregam cestas de produtos agroecológicos em dois grupos de consumo, localizados em Limeira-SP e Campinas-SP. As entregas são feitas quinzenalmente em um local e horário combinado e os pagamentos são mensais e realizados antecipadamente pelos consumidores. As consumidoras e os consumidores são, em geral, ligados à UNICAMP e a divulgação do grupo acontece muito por “boca a boca”.

Durante as entrevistas com os consumidores, os principais motivos para que participem do grupo de consumo estão relacionados à saúde/qualidade dos alimentos e à responsabilidade social no ato de consumir, fortalecendo a iniciativa local, familiar e agroecológica na agricultura. A variedade dos alimentos também é um ponto forte na opinião dos consumidores, que desfrutam da possibilidade de consumir alimentos como as plantas alimentícias não convencionais (PANC's), que normalmente não são encontradas em supermercados, ou quando são encontradas o preço é alto.

A pandemia causada pelo COVID-19 foi um momento muito difícil para o Grupo de Produtoras Elizabeth Teixeira e foi um desafio planejar a produção para os meses seguintes, pois as agricultoras não sabiam como os grupos de consumo reagiriam à situação da pandemia. Porém, as agricultoras se reuniram para criar estratégias de enfrentamento à situação e, contando com o apoio dos colaboradores, houve aumento no número de consumidores. De acordo com uma agricultora entrevistada, este aumento representou

30% na quantidade de cestas entregues durante a pandemia, organizado pelo controle financeiro do grupo.

Além disso, as agricultoras estão organizadas para a doação de cestas básicas, que serão compradas com recursos de um projeto financiado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Uma parte das cestas básicas será destinada para as produtoras, que irão adicionar seus produtos na outra parte das cestas, que serão doadas, a participação delas no projeto terá início em agosto de 2020. Além dos alimentos por elas produzidos, serão incluídos nas cestas produtos de limpeza, produtos de higiene e itens de proteção como máscaras e folhetos informativos sobre o COVID-19. Essas cestas serão destinadas às pessoas necessitadas do bairro José Cortez em Limeira e também do acampamento, dando prioridade para famílias com crianças.

Felizmente até o momento em que foi realizada a entrevista com as agricultoras do grupo, ninguém havia apresentado sintomas de COVID-19 no acampamento Elizabeth Teixeira e as medidas de segurança estão sendo respeitadas pelas agricultoras e agricultores do acampamento. As agricultoras que fazem parte de grupos de risco estão sendo mantidas em completo isolamento. Durante a montagem das cestas, elas usam máscaras, higienizam as mãos e as caixas para que não haja o espalhamento do vírus, caso alguém seja assintomático. Outra medida foi trocar momentaneamente as sacolas retornáveis por descartáveis.

Durante conversa com uma das agricultoras, nos foi relatado sobre a tensão psicológica relacionada ao COVID-19, que se mostrou um ponto delicado nesse momento. Em Limeira, o contágio e as mortes caminham em ritmo acelerado, e o medo de ir à cidade para fazer atividades essenciais como compras em supermercado é evidente. Somado a este fato, um momento muito importante para a vida pessoal delas está relacionado às reuniões semanais para a organização da produção e as entregas. Essas reuniões ocorriam

antes da pandemia, porém neste momento tiveram que ser canceladas, o que de certa forma as abala porque, além de ser um espaço de trabalho, era também onde dividiam um pouco das tensões do dia a dia.

Com o fechamento das escolas durante a pandemia, o desafio para as produtoras que têm filhos pequenos é ainda maior. As crianças ficam ansiosas e agitadas por não poderem ter contato com os amigos e terem de ficar dentro de casa, e as produtoras dão o seu melhor para dividir o tempo entre o trabalho na agricultura, a educação dos filhos e os cuidados com a casa.

O fato de não terem acesso a uma internet de qualidade, sobrecarrega ainda mais as mães, que ficam responsáveis por uma parte maior da educação, que estaria sendo contemplada pela escola. Com as crianças em casa, não há também a alimentação que recebiam na escola, portanto as agricultoras necessitam assim de um tempo maior para o preparo da refeição e o gasto mensal com alimentação aumentou em comparação ao período anterior à pandemia.

Apesar do excesso de atividades durante a pandemia e das dificuldades em termos de infraestrutura do acampamento, as agricultoras continuam produzindo os alimentos e os entregando aos diversos consumidores dos municípios de Limeira e Campinas. Isto demonstra o quanto a agricultura familiar é importante para a produção de alimentos saudáveis e o quanto é resiliente diante das adversidades que precisa superar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo de consumo é importante para os consumidores e para as agricultoras. É um grupo que tem se mostrando totalmente eficiente nas questões relacionadas aos seus produtos, mesmo

sofrendo com a não regularização da área e todas as implicações e limitações produtivas de um espaço como o de um acampamento.

Na situação da pandemia causada pelo COVID-19 o Grupo de Produtoras Elizabeth Teixeira, mesmo com as dificuldades técnicas, organizacionais e psicológicas, conseguiu se organizar para atender a demanda crescente por alimentos produzidos na agricultura de base sustentável. A experiência deste grupo demonstra a importância do circuito curto de comercialização nesse tempo de pandemia, pois garante a manutenção da renda das agricultoras. O trabalho do grupo de agricultoras é possível porque coletivamente elas possuem um processo de autogestão, aliado à economia solidária. E individualmente elas têm muita força e resistência para enfrentar todos os desafios pessoais diários seguindo fortes com a produção de alimentos saudáveis e com a luta pela posse da terra.

Short food supply chain in pandemic time: the experience of production group from Elizabeth Teixeira Camp

ABSTRACT

Through the principles of agroecology, solidarity economy, and the struggle for land, the “Grupo de Produtoras Elizabeth Teixeira” produces healthy and ecological food for their own consumption and for most of their income. The group sells pack of agroecological food in two consumption groups in Limeira and Campinas, both in São Paulo state. Through the management of the members of the group and by partner’s help, the number of consumers increased during the pandemic, maintaining the month income and the production outflow to these families. The COVID-19 has brought many challenges in their lives, by the uncertainty of the following day to

the psychological damage caused by a self-isolated life. Owing all this challenges, this article aims to evidence the work of these family food growers on the production and selling of their agroecological products, bringing elements of the productive and organizational dynamic of this group. Literature review constructed the research, and many data comes from a graduation research project made at Agricultural Engineering College of Unicamp (FEAGRI-UNICAMP). All the updates come from contacting the group members.

KEYWORDS: Agroecology. Solidarity economy. Family agriculture.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A. Agroecología: principios y estrategias para diseñar sistemas agrarios sustentables. **SARANDON, SJ Agroecología: el camino hacia una agricultura sustentable. Buenos Aires–La Plata**, p. 49-56, 2002.

CHERACOMO, B.; ESQUERDO, V. Circuitos curtos de comercialização na agricultura familiar. **Revista dos Trabalhos de Iniciação Científica da UNICAMP**, n. 27, p. 1-1, 2019.

FRANÇA-FILHO, G. Terceiro Setor, Economia Solidária, Economia Social e Economia Popular: traçando fronteiras conceituais, **Bahia análise & dados**, vol. XXII, pp. 9-19, 2002.

GUZMÁN CASADO, G.; GONZÁLEZ de MOLINA, M.; SEVILLA GUZMÁN, E. **Introducción a la agroecología como desarrollo rural sostenible**. Madrid: Mundi-Prensa, 2000.

PREISS, P.V. Challenges facing the COVID-19 pandemic in Brazil: lessons from short food supply systems. **Agriculture and Human Values**, p. 1, 2020.

TAUFIC, R. de O. Pesquisa Urbana e Relação Campo-Cidade: um estudo a partir do município de Limeira-SP (2003-2013). **Dissertação** (Mestrado em Desenvolvimento, Espaço e Meio Ambiente Econômico) Instituto de Economia - UNICAMP Campinas-SP, 2014.

3- Produção cooperada para enfrentamento à Covid-19: a experiência dos núcleos de agroecologia da Cooperativa Cooperana

Fábio Ramos Nunes

<http://lattes.cnpq.br/3826287284361107>

Elisângela Nunes Pereira

<http://lattes.cnpq.br/0615804869259595>

RESUMO:

Este artigo aborda uma iniciativa localizada da Cooperativa da Agricultura Camponesa da Região Metropolitana de Belo Horizonte – COOPERANA para avançar na organização da produção através de núcleos de agroecologia, tendo como foco o trabalho cooperado de assentados da reforma agrária e o fornecimento de alimentos às comunidades em situação de vulnerabilidade social.

PALAVRAS-CHAVE: Cooperação. Agroecologia. Alimentos Saudáveis. Reforma Agrária.

INTRODUÇÃO

O mundo está vivendo um momento delicado com a expansão da Pandemia de Coronavírus. No Brasil os casos aumentam significativamente a cada dia e ainda não se sabe quando chegará ao seu pico. Os danos causados por essa doença são imensuráveis e podem se perdurar por anos, seja do ponto de vista da saúde das pessoas ou nos reflexos da economia. Os danos às populações mais vulneráveis do campo e da cidade são ainda mais graves, aumentando o desemprego, a exclusão social e a fome.

Nesse contexto, 10 famílias do Assentamento Ho Chi Minh estão se organizando em dois Núcleos de 5 famílias para a organização da produção agroecológica em Sistemas Agroflorestais para garantir a soberania alimentar no campo e possibilitar a comercialização de produtos saudáveis para a população que necessita na cidade. Uma das técnicas que permite essa combinação são os Sistemas Agroflorestais (SAFs) que, por meio de ações e realizações concretas, promovem uma transformação na lógica produtiva local como alternativa viável ao modelo predatório de cultivo dos solos e exploração dos recursos hídricos e humanos. Ao mesmo tempo, associado à preservação e conservação ambiental, procura-se capacitar e incitar na população, em especial os jovens e as mulheres, as habilidades e competências necessárias ao reconhecimento e apropriação das potencialidades produtivas capazes de promover geração de trabalho e renda, além da fixação desta relevante parcela da população no campo.

METODOLOGIA

O presente trabalho apresenta um relato de iniciativas desenvolvidas pela Cooperativa da Agricultura Camponesa da Região Metropolitana de Belo Horizonte – COOPERANA com foco no

processo de produção de alimentos agroecológicos e o fornecimento às famílias em situação de vulnerabilidade social em cidades da Região metropolitana.

DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

O modelo de desenvolvimento econômico adotado no Brasil tem se tornado cada vez mais dependente do exterior. Isso se evidencia a partir do golpe parlamentar de 2016, quando Michel Temer assume a Presidência da República e continuado por Jair Bolsonaro após eleições presidenciais em 2018. Desde então, há no país uma pauta política e econômica que direciona uma série de reformas (como a trabalhista e da previdência, dentre outras) para um retorno ao período neoliberal, aumentando a acumulação de riquezas para uma pequena parcela da população em detrimento dos direitos constitucionais da maioria.

Neste mesmo período as principais ações direcionadas ao desenvolvimento da Reforma Agrária foram fragilizadas. Primeiro a extinção do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, depois um processo enfraquecimento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA e seus programas, como Assistência Técnica e Extensão Rural, Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, a Obtenção de Terras e o Programa de Aquisição de Alimentos.

Dados do Censo Agropecuário divulgado em 2006 apontam que a Agricultura Familiar é responsável pela produção de 70% dos alimentos consumidos Brasil, ocupando 30% das terras cultiváveis. Já o agronegócio, utilizando grandes extensões de terras se dedicam a produzir *commodities* para serem comercializadas nas bolsas de valores.

A Reforma Agrária e a produção agroecológica surgem como alternativas a esse modelo de produção que aumenta as

desigualdades e a exclusão social no campo, amplia o desmatamento e a degradação ambiental. O enfrentamento a esse sistema e as dificuldades impostas passa pela organização social das famílias assentadas a partir da cooperação agrícola.

Neste sentido, no ano de 2019 famílias de três assentamentos e três acampamentos organizados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST juntaram-se para a constituição da Cooperativa da Agricultura Camponesa da Região Metropolitana de Belo Horizonte – COOPERANA, com a finalidade de organizar o processo produção e a comercialização das áreas. A Cooperativa está em fase de registro na Junta Comercial do Estado de Minas Gerais.

Com o avanço da pandemia de COVID-19 no mundo e a chegada ao Brasil no início de 2020, exige das organizações do campo medidas que potencializem a produção de alimentos saudáveis para atender as demandas da sociedade frente a crise humanitária ocasionada pelo vírus. Ao longo dos últimos meses diversas ações de solidariedade foram realizadas no país, tendo como foco a doação de alimentos para populações vulneráveis nas periferias.

Na região de atuação da COOPERANA diversas ações foram desenvolvidas, desde campanhas para o avanço na produção agroecológica dos núcleos de agroecologia, passando pela comercialização de cestas agroecológicas e a doação de alimentos para famílias em situação de vulnerabilidade nas cidades.

Somente nesse primeiro semestre de 2020, simultaneamente ao desenvolvimento dos Núcleos de Agroecologia, os associados da Cooperana já doaram mais de 5 toneladas de alimentos que envolvem processados, hortaliças, legumes e frutas, destacando: alface, couve, mostarda, repolho, mandioca, farinha de mandioca, mel, própolis, banana, abóbora, chuchu, dentre outros.

NÚCLEOS DE AGROECOLOGIA

A constituição dos Núcleos de Agroecologia é uma iniciativa de 10 famílias do assentamento Ho Chi Minh, localizado em Nova União - MG para organização da produção agroecológica de forma cooperada. Essa produção será destinada à alimentação das mesmas, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida, a melhoria da alimentação para aumento da imunidade, a busca da soberania alimentar e o fornecimento de alimentos saudáveis para a população das pessoas na cidade, principalmente os distrito e bairros mais próximos.

A proposta é fomentar Sistemas Agroflorestais nas unidades de produção familiares com cada família sendo responsável pela produção no seu lote. Os trabalhos, inclusive, já começaram e já estão sendo semeadas algumas variedades. Para facilitar o trabalho, estamos organizando mutirões que contribuem para o fortalecimento dos laços de solidariedade. As famílias foram divididas em dois núcleos de 05 famílias, definindo as terças e quartas feiras para essa finalidade. Desta forma, será feito um rodízio, sendo que todos façam trabalhos coletivos em todas as unidades uma vez por mês.

Considerando uma média de quatro pessoas por unidade de produção familiar, estão sendo envolvidos diretamente em torno de 40 pessoas, geralmente, um casal e em média dois dependentes diretos (filhos, pais, enteados, irmãos).

Esse valor pode aumentar na medida em que o êxito da organização levem outras famílias a ingressarem no projeto. Considerando as 40 famílias cooperadas, em termos proporcionais chegaríamos aproximadamente 160 pessoas envolvidas num cenário ideal.

Através dos sistemas agroflorestais, a proposta é cada família produza inicialmente 10 cestas agroecológicas por semana, assim

teremos condições de atender através da comercialização ou da doação de alimentos em torno de 100 famílias nas cidades por semana ou 400 famílias por mês, caso seja entrega única.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O avanço da Covid-19 e a consequente situação de isolamento social nos mostra a importância de repensar o modelo de desenvolvimento adotado para a agricultura. Fica claro que a exploração dos recursos naturais pelos grandes complexos agroindustriais e mineradoras para comercialização nas bolsas de valores não atende as necessidades do povo. O MST, a partir da construção da Reforma Agrária Popular, apresenta como missão a (1) preservação e recuperação ambiental dos nossos territórios aliada a (2) produção de alimentos saudáveis tendo como matriz tecnológica a agroecologia para atender as necessidades das famílias no campo e na cidade. Nesse momento de crise, o Movimento vem ampliando a oferta de alimentos agroecológicos, seja na doação de alimentos para famílias carentes ou na comercialização de cestas nos centros urbanos.

É Preciso ressaltar que as principais políticas públicas direcionadas à Reforma Agrária foram extintas ou fragilizadas desde 2017, se agravando com a posterior eleição de Jair Bolsonaro para a Presidência do Brasil. Faz-se necessária a retomada de esforços para viabilizar a agricultura camponesa, tendo como foco a liberação de créditos de apoio à produção e o assentamento das famílias que encontram-se acampadas, proporcionando maior qualidade de vida dessas pessoas e a garantia do fornecimento regular de alimentação saudável em quantidade suficiente para os trabalhadores das cidades.

Cabe aos movimentos sociais do campo, suas cooperativas e associações de produção assumirem a tarefa de produzir alimentos

saudáveis em escala para atender as necessidades da população e mostrar a importância da reforma agrária para reverter os impactos causados pelo desenvolvimento do agronegócio.

4- Ações da Rede de Cooperação Solidária de Mato Grosso para o enfrentamento da crise social provocada pela pandemia da COVID-19

Oscar Zalla Sampaio Neto

<http://lattes.cnpq.br/2379683480481692>

Josiel Maimone de Figueiredo

<http://lattes.cnpq.br/1242386923227672>

Elizabeth Maria da Silva

<http://lattes.cnpq.br/1427120356783812>

Solene Tricaud

CV: <http://lattes.cnpq.br/5018955747780804>

Thamara Nayme de Arruda Nascimento

<http://lattes.cnpq.br/5309675709355701>

Luan Vaz José Chagas

<http://lattes.cnpq.br/1603129300408564>

Cristóvão Domingos de Almeida

CV: <http://lattes.cnpq.br/2395230202223375>

Clovis Vailant

CV: <http://lattes.cnpq.br/5045928665728412>

Bruna Nunes da Cunha

<http://lattes.cnpq.br/3543438980144512>

Rafael Leite Brandão Laranja <http://lattes.cnpq.br/5675624595876487>

Daiane Silva Oliveira
<http://lattes.cnpq.br/6282646427889176>

Henderson Gonçalves Nobre
CV: <http://lattes.cnpq.br/0039137780834982>

Elmo Batista de Faria
<http://lattes.cnpq.br/6049827216001666>

Alexandro Rodrigues Ribeiro
CV: <http://lattes.cnpq.br/0006793524224802>

RESUMO:

A crise social, econômica e sanitária trazida pela pandemia do COVID - 19 apresentou grandes desafios para a continuidade das atividades dos empreendimentos econômicos solidários (EES). Neste contexto destaca-se o papel que as redes solidárias devem desempenhar como suporte e interlocutora na busca de novas soluções, processos e relações. Este artigo tem o objetivo de relatar as experiências desenvolvidas pelos diferentes atores da Rede de Cooperação Solidária de Mato Grosso (RECOOPSOL), organizada a partir de três Fóruns Regionais de Economia Solidária abordando aspectos de reconversão produtiva, intercooperação e de ações concretas de solidariedade ativa diante de comunidades vulnerabilizadas. A RECOOPSOL tem como base metodológica a Tecnologia Social “Sistema Integrado de Inovação Tecnológica Social (SITECS)”. Os resultados descrevem ações nas áreas de comercialização em rede, a produção de máscaras por EES para populações indígenas, estratégias de comunicação que divulgam a realidade dos EES e seus

desafios além do papel dos Fóruns de Economia Solidária como elos centrais da RECOOPSOL na busca de ações intercooperativas.

PALAVRAS-CHAVE: Reconversão produtiva. Intercooperação. Interesse pela comunidade. Tecnologia social. Prossumidores.

INTRODUÇÃO

A pandemia provocada pelo novo coronavírus (Covid-19) trouxe o isolamento social como a forma mais eficaz de combater a crise sanitária. Esse novo contexto social repercutiu na maior crise global da história recente da humanidade. Suas consequências trouxeram alterações nos aspectos morais, econômicos e políticos da organização social humana. A nova rotina de isolamento social alterou as relações interpessoais e familiares de convívio cotidiano, da mesma forma as relações e forma de trabalho, lembrando que recordes históricos de desemprego foram alcançadas na quase totalidade das economias nacionais. DWECK *et al.* (2020) simularam os potenciais impactos macroeconômicos na economia brasileira em 2020, indicando uma taxa de desemprego -7,7 % e PIB de -6,4 %. A política brasileira tem sido marcada pela desarticulação entre as ações do governo central com as dos governos regionais e locais tendo como principal consequência a ausência de uma estratégia unificada que beneficie todas as regiões do país em termos sanitários e econômicos.

Toda essa avalanche socioeconômica recai com impacto potencializado nas camadas sociais mais frágeis, de menor poder aquisitivo e conseqüentemente de maior dependência do suporte de políticas públicas que lhe possibilitem acesso a saúde pública e a recursos econômicos.

Como exemplo dessa difícil realidade brasileira apresentam-se os(as) agricultores(as) familiares e seus EES que tem nas políticas públicas papel estruturante no seu desenvolvimento e manutenção. Destacam-se os Programas Nacionais de Alimentação Escolar (PNAE) e de Aquisição de Alimentos (PAA) que criaram mercados institucionais com grande alcance nacional, presentes em todos os estados brasileiros e em 78,5% de seus municípios (MACHADO *et al.*, 2018) com significativa representatividade nas receitas de seus EES.

O fechamento de todas escolas brasileiras interrompeu esse fluxo financeiro que demandou a busca de novos mercados e estratégias para o escoamento de suas produções e a manutenção de seus fluxos financeiros.

Igualmente fragilizados e ainda com menor arcabouço legal de amparo encontram-se os EES urbanos que atuam na produção artesanal e na prestação de serviços além das populações indígenas que sofrem com o desmonte do aparato estatal de apoio e atendimento.

Na busca de alternativas que possam minimizar os impactos de uma crise de tamanho alcance, a Economia Solidária aponta caminhos e cria soluções, a partir de seu conceitual teórico e princípios de atuação. MANCE (2002) apresenta as redes de colaboração solidária como possibilidade de enfrentamento a pobreza em suas raízes econômicas, políticas e culturais, exatamente como o atual contexto pandêmico exacerba, a partir de práticas de financiamento, produção comércio e consumo solidários. Como elo estratégico dessas redes destaca-se o papel das universidades públicas.

Nesse contexto é que atua a Rede de Cooperação Solidária de Mato Grosso (RECOOPSOL), constituída por uma equipe multidisciplinar de professores, pesquisadores associados e acadêmicos da UFMT que apoia 71 Empreendimentos de Economia Solidária (ESS), em parceria com IFMT, UNEMAT, EMPAER, ONGs, Secretarias estaduais e municipais, em uma estratégia coletiva de cooperação entre organizações e pessoas.

A RECOOPSOL atua em três regiões do estado de Mato Grosso a partir dos fóruns de economia solidária. Os fóruns são o espaço de articulação e tomadas de decisão coletiva, intersetorial e multidisciplinar para construção de alternativas de enfrentamento a crise da Covid-19.

Este artigo tem o objetivo de relatar as experiências desenvolvidas pela RECOOPSOL abordando aspectos de reconversão produtiva, intercooperação e de ações concretas de solidariedade ativa diante de comunidades vulnerabilizadas.

METODOLOGIA

A RECOOPSOL tem como base metodológica a Tecnologia Social “Sistema Integrado de Inovação Tecnológica Social – SITECS” que é um processo de atuação sistêmica em rede (SAMPAIO NETO *et al.*, 2013).

Essa metodologia de atuação possibilita que diferentes iniciativas e projetos com gestão autônoma e independentes entre si, se articulem e potencializam seus resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como exemplo de solidariedade ativa e intercooperação destacam-se os EES de costureiras e artesãs “Flores do Cerrado” e “Tecer Vidas” que em parceria com a ONG Operação Amazônia Nativa (OPAN) possibilitou a confecção de 5000 máscaras destinadas as comunidades indígenas. O valor do material doado pela RECOOPSOL, foi convertido em um fundo solidário pelos EES.

Como reconversão produtiva destacam-se os agricultores(as) familiares orgânicos do Assentamento Agroana Girau que tiveram interrompida a comercialização de seus produtos na Ecofeira/UFMT que ocorria desde 2014. Novas estratégias foram construídas através de visitas aos produtores na busca de um novo planejamento produtivo e de comercialização, que resultou na elaboração de soluções como o Aplicativo “RECOOPSOL” e a criação de uma Comunidade que sustenta a Agricultura (CSA).

A CSA que tem o objetivo de estimular dinâmicas de compra e venda direta por meio da aquisição de cestas, foi adaptada com uma gestão compartilhada entre produtores e prossumidores através de encontros virtuais. Com o apoio da RECOOPSOL, do Núcleo de Estudos Ambientais e Saúde do Trabalhador (NEAST/ISC/UFMT) e do Fórum de Combate aos Impactos dos Agrotóxicos do Ministério Público do Trabalho se busca a criação de um modelo que possa ser reaplicado em todo estado.

SILVA *et al.* (2020) descreveu como três redes de comercialização de produtos da agricultura familiar se reorganizaram e se adaptaram para continuar comercializando seus produtos através de iniciativas de comercialização direta, com entregas porta a porta. O passo seguinte de reorganização e intercooperação foi a união dessas três redes com outros nove EES, a partir da operação do Aplicativo “RECOOPSOL” que criou um ambiente virtual de comercialização composto por um mix de produtos com aproximadamente 300 itens e 250 prossumidores cadastrados, no início de sua operação. Toda logística de recebimento, organização e distribuição das cestas foi realizada pela Cooperativa Coorimbatá a partir do seu Centro de Distribuição da Agricultura Familiar, que se encontrava inativo. O Fórum Territorial de Segurança Alimentar e Economia Solidária da Baixada Cuiabana (FTSANES-BC) criou um grupo de prossumidores que potencializa a consolidação desse mercado solidário e consciente. Uma equipe técnica da UFMT acompanha e suporta essa iniciativa com o objetivo de consolidar um modelo de negócio em rede sustentável, transparente e de controle social a partir dos princípios do comércio justo e solidário.

Ainda como ação intercooperativa foram realizadas reuniões virtuais para esclarecimento de dúvidas e mobilização dos agricultores familiares para o acesso ao PAA. As reuniões contaram com a participação de agricultores(as), representantes de instituições

responsáveis pela execução e apoio ao programa tendo a equipe da RECOOPSOL como mediadora.

As ações de comunicação durante a pandemia foram fundamentais para aproximar as atividades realizadas pela RECOOPSOL. As reportagens publicadas no site (<http://recoopsol.ic.ufmt.br/>) foram realizadas por meio do WhatsApp e outras plataformas, contando as histórias dos EES. Mato Grosso está em uma região de deserto ou vazio noticioso, como afirma o Instituto Pró Jornalismo no mapeamento intitulado Atlas da Notícia. Dos 13.732 veículos mapeados em 2019, 35,5% são emissoras radiofônicas presentes em regiões onde muitas vezes a cobertura informativa local não acontece³. Diante desse cenário, ao longo dos meses de pandemia, em conjunto com as atividades de cobertura noticiosa foram enviados áudios semanais chamados de “Minuto Quarentena” com pequenas reportagens de dois a três minutos para um conjunto de 37 emissoras de rádios comunitárias. É importante ressaltar que a própria cobertura informativa desses meios de comunicação foi impactada pela ausência de profissionais e de condições de trabalho para distribuir informações localizadas no período da pandemia. Os áudios também foram distribuídos por meio de grupos de WhatsApp ligados à Rede. Além disso, as produções eram acompanhadas de produções gráficas e vídeos (<http://recoopsol.ic.ufmt.br/index.php/videos/>) também compartilhados pelo aplicativo de mensagens instantâneas.

A RECOOPSOL tem nos Fóruns de Economia Solidária seu ambiente de ideação e intercooperação, os quais também tiveram suas atividades interrompidas no advento da crise provocada pelo Covid-19. A quarentena, inicialmente voluntária, coibiu os encontros e a comunicação. Contudo, gradativamente foi assumindo novas

³ Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/desertos-de-noticia/>. Acesso em agosto de 2020.

formas de organização, ampliando a comunicação por meio das web conferências. Muitos participantes, principalmente os de empreendimentos rurais, não conheciam os instrumentos de reuniões online. Todavia, com o transcurso da quarentena e o crescente domínio das tecnologias de informação, destacadamente via celular, ocorreu uma reorganização e a participação chegou a superar a vivida no período anterior a pandemia. Como exemplo dessa intensificação pode-se citar a aprovação do novo regimento interno do FTSANES-BC e a eleição da nova coordenação. Destaca-se ainda a criação de grupos de trabalho que mantém uma periodicidade de reuniões e tem conseguido pautar o Conselho Estadual de Desenvolvimento Sustentável na defesa dos direitos dos agricultores familiares. Além disso os três fóruns se envolverem na discussão do documento provocador que subsidiará a VI Plenária de Economia Solidária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os EES e suas redes de cooperação atuando a partir de seus princípios, possibilitam a reconversão produtiva, a intercooperação e ações de colaboração solidária entre pessoas, empresas, organizações públicas e privadas para a construção de novas relações sociais e econômicas, que possibilitam a superação dos desafios trazidos pelo isolamento social. A RECOOPSOL atua em diferentes frentes e estratégias de forma intersetorial e multidisciplinar com o objetivo de superar as barreiras impostas pela atual crise.

Actions of the Mato Grosso Solidarity Cooperation Network to face the social crisis caused by the pandemic of COVID-19 of article in English

ABSTRACT:

The social, economic and health crisis brought about by the Covid - 19 pandemic presented great challenges for the continuity of EES activities. In this context, the role that solidarity networks should play as a support and interlocutor in the search for new solutions, processes and relationships is highlighted. This article aims to report the experiences developed by the different actors of the Mato Grosso Solidarity Cooperation Network (RECOOPSOL), organized from three Regional Solidarity Economy Forums addressing aspects of productive reconversion, intercooperation and concrete actions of active solidarity in the face of vulnerable communities. RECOOPSOL's methodological basis is the Social Technology "Integrated System of Social Technological Innovation - SITECS". The results describe actions in the areas of network marketing, the production of masks by EES for indigenous populations, communication strategies that publicize the reality of EES and their challenges in addition to the role of the Solidarity Economy Forums as central links of RECOOPSOL in the search for actions intercooperation.

KEYWORDS: Productive reconversion. Intercooperation. Interest in the community. Social technology. Prosumers.

REFERÊNCIAS

DWECK, E. *et al.* *Impactos macroeconômicos e setoriais da Covid-19 no Brasil (Nota Técnica)*. . Rio de Janeiro: [s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.ie.ufrj.br/images/IE/grupos/GIC/GIC_IE_NT_ImpactosMacroSetoriaisdaC19noBrasilvfinal22-05-2020.pdf>.

MACHADO, P. M. DE O. *et al.* Compra de alimentos da agricultura familiar pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE): estudo transversal com o universo de municípios brasileiros. *Ciencia e Saude Coletiva*, v. 23, n. 12, p. 4153–4164, 2018.

MANCE, E. A. *Redes de Colaboração Solidária - Aspectos econômico-filosóficos: complexidade e libertação*. 1. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

SAMPAIO NETO, O. Z. *et al.* *Sistema Integrado de Inovação Tecnológica Social - SITECS*. . Brasil: [s.n.]. Disponível em: <<http://tecnologiasocial.fbb.org.br/tecnologiasocial/banco-de-tecnologias-sociais/pesquisar-tecnologias/detalhar-tecnologia-58.htm>>. , 2013

SILVA, S. P. *et al.* EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, ECONOMIA SOLIDÁRIA E GERAÇÃO DE OPORTUNIDADES NO CONTEXTO DA COVID-19: UMA VISÃO A PARTIR DE TRÊS EXPERIÊNCIAS CONCRETAS NO TERRITÓRIO BRASILEIRO. *Mercado de Trabalho conjuntura e análise*, v. 26, n. 69, p. 1–12, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/200724_bmt_69_apresentacao.pdf>.

do estabelecimento de um sistema de trocas e/ou aquisição de produtos e serviços de Empreendimentos Econômicos Solidários (EES). Com os recursos arrecadados, mais de 100 famílias foram atendidas, foram estabelecidas relações com várias organizações sociais e fomentado intercâmbios econômicos associativos e colaborativos entre os ESS.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia. Isolamento. Economia Solidária. Solidariedade.

INTRODUÇÃO

O “Comitê Solidariedade – Redes de Economia Solidária como Alternativa à Crise do Covid-19” foi criado em maio/2020, como iniciativa e ação conjunta da Rede de Economia Solidária do Vale do Itajaí (RESVI), Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/FURB) e Centro Público Vitrine da Economia Solidária, tendo como apoiadora a Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB.

Seu objetivo é fomentar a cooperação econômica por meio do estabelecimento de um sistema de doações, trocas e aquisição de produtos, serviços e consumo dos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES). Além de viabilizar os processos de produção, comercialização e consumo, o Comitê recebeu e organizou doações de produtos e recursos financeiros para aquisição de cestas agroecológicas para as famílias em condições de vulnerabilidade econômica e social.

Essa iniciativa beneficiou quem foi diretamente afetado pela crise e não tinha condições de obtenção de renda em função das exigências de isolamento social, criando uma rede de apoio e proteção aos EES da região. Ao fortalecer a economia e cooperação solidária, o Comitê busca difundir e promover a lógica da Economia Solidária como base para o enfrentamento dos efeitos da pandemia do COVID-19.

METODOLOGIA

Situado na cidade de Blumenau-SC, o Comitê Solidariedade organizou-se através de reuniões on-line com uma rede de voluntários formada por estudantes, professores, técnico-administrativos, representantes dos EES, organizações da sociedade civil e comunidade em geral. Em 20 de maio de 2020 aconteceu a

primeira reunião, onde deliberou-se por sua criação e na oportunidade também foi definido o público a ser beneficiado e envolvido nas atividades - comunidade local na abrangência da RESVI, famílias em situação de vulnerabilidade econômica e social – bem como, o que seria arrecadado: doações financeiras para viabilizar a aquisição de produtos dos EES/RESVI, além de doações de alimentos não perecíveis, material de higiene e limpeza e roupas. Os voluntários não pertencentes aos grupos considerados de risco à contaminação pelo COVID-19 se dispuseram a: organizar as ações de mobilização; sensibilização; divulgação; articulação; estudo do contexto social, econômico e cultural; planejamento e gestão das doações, aquisições e distribuição.

Criou-se uma identidade visual para o Comitê e a divulgação aconteceu através das redes sociais Facebook e Instagram e do aplicativo de comunicação WhatsApp, além do envio de *releases* para sites e jornais locais, contando com o apoio da área de comunicação da Universidade.

Considerando a necessidade de manter o isolamento social, criou-se uma logística de busca e entrega de doações diretamente nas residências, empresas e empreendimentos que solicitassem através dos contatos divulgados. As demandas dos empreendimentos foram registradas numa planilha compartilhada e as prioridades de atendimento deliberadas em reuniões on-line.

O Centro Público Vitrine da Economia Solidária, fechado desde março/2020 em virtude da pandemia, serviu como local de armazenamento e recebimento das doações. Para trabalhar no local, organizou-se uma escala entre os voluntários. Para recebimento das doações financeiras foi criada conta corrente em uma Cooperativa de Crédito. Com os recursos financeiros recebidos foram adquiridas cestas de produtos agroecológicos e leite da reforma agrária.

DESENVOLVIMENTO

No contexto de crise do capital e de avanço do projeto neoliberal, constata-se o desmonte do sistema de proteção social, o aumento do desemprego e da pobreza. Essa situação, agravada pela pandemia do COVID/19⁴, impossibilitou que vários trabalhadores da economia solidária pudessem desenvolver suas atividades produtivas, por constituir-se em um modelo que privilegia interações “face a face”, ou seja, é uma economia feita de pessoas para as pessoas, que depende do encontro delas para produzir, trocar e consumir. As exigências do isolamento social como principal medida de contenção da covid-19 interditarão as possibilidades de encontro e comprometeram a continuidade desses processos socioeconômicos. Isso pode ser constatado em inúmeras situações, como no caso das atividades de reciclagem de materiais desenvolvidas pelas cooperativas e associações de catadores. Nos processos em que a produção é familiar e autônoma, os laços interrompidos foram com o mercado, seja ele institucional, justo ou convencional. Com a suspensão das aulas escolares e outras atividades governamentais, as associações e cooperativas da agricultura familiar, assentamentos e comunidades tradicionais produtoras de alimentos não puderam comercializar seus produtos para os programas de alimentação. O mesmo aconteceu com o fechamento dos espaços fixos de comercialização e as feiras. Também temos a situação da cultura, que ficou impossibilitada de realizar atividades e apresentações públicas. Enfim, o distanciamento provocou a interrupção dos fluxos da economia solidária e fez com

⁴ Cabe mencionar que, para além das dificuldades enfrentadas em decorrência da pandemia a região foi atingida por um ciclone extratropical com forte poder de destruição. Muitas famílias da Ecosol foram afetadas com queda de árvores, destelhamentos e prejuízos nas estruturas residenciais.

que trabalhadores passassem a depender de outras fontes de renda, a exemplo do auxílio emergencial. (SCHIOCHET, 2020,p.02)

O Comitê Solidariedade foi uma iniciativa que buscou construir fluxos econômicos e articulação, organização e cooperação por meio do fomento processos de produção, comercialização e consumo dos EES.

A constituição de Redes de Economia Popular e Solidária é um importante instrumento de articulação de setores do estado e da sociedade civil, organizando e fortalecendo os EES no sentido da inclusão social e da democratização das relações de trabalho. As redes incluem trabalhadoras(es) em vários setores de produção, beneficiamento, comercialização, serviços diferenciados pela produção coletiva, autogestão (LAPORTE, 2017, p. 08). Ainda, segundo o autor as redes de colaboração pressupõem articulações de ajuda mútua que podem, por exemplo, ter finalidade financeira e colaboração solidária, que atuam na perspectiva da transformação social, tendo em vista o bem viver, o bem comum de todo o ambiente, com as plantas, os minerais e os animais, incluindo as pessoas (p. 11). As redes de colaboração solidária tornam-se importantes espaços promotores de intercâmbios econômicos associativos, colaborativos e autogestionários.

O grande desafio do Comitê foi articular ações de doações convencionais com uma estratégia de solidariedade que favorece a constituição de redes de cooperação com base nos princípios da Economia Solidária.

Assim, em que pese que a arrecadação de doações não constituía o principal objetivo do Comitê, considerando a realidade social vivenciada pelas famílias e demandas apresentadas, para além das ações previstas, recebeu-se alimentos não perecíveis, itens de higiene e limpeza, roupas, calçados, cobertores e insumos têxteis, que foram distribuídos conforme demandas dos trabalhadores dos EES. Também se contou com o apoio de projetos internos da FURB,

como o curso de Odontologia com o “FURBMóvel” e iniciativas particulares de docentes da instituição, como a Psicóloga Adriana Lobo Müller que criou o Projeto Saber Solidário e doou 50% do valor das inscrições ao Comitê.

A primeira ação do Comitê ocorreu no mês junho/2020, em parceria com a FURB, no qual foram doadas por esta instituição aproximadamente 150 peças de roupas esquecidas pelos estudantes nos Campi da Universidade durante o ano de 2019 e que não foram procuradas por seus proprietários. Após higienização e reparos, foram destinadas a 60 associados da Cooperativa dos Trabalhadores Coletores de Resíduos Recicláveis de Blumenau.

Através da Campanha do Agasalho realizada pelo Corpo de Bombeiros de Blumenau, o Comitê recebeu aproximadamente 600 itens de vestuário, sendo a maioria destes destinados aos apenados do sistema prisional, liberados antecipadamente para o regime aberto por conta da contaminação pelo Coronavírus nas instituições penais.

Itens doados ao Comitê (até 20/07/2020)

Produtos e valores arrecadados	
Alimentos	Aproximadamente 120 Kg de alimentos não perecíveis.
Produtos de Higiene e Limpeza	135 itens (papel higiênico, sabonetes, pasta dental, escovas, álcool em gel, água sanitária, detergente, alvejante)
Roupas, calçados e cobertores	Mais de mil peças
Doações Financeiras	R\$ 8.500,00

Fonte: autores.

Através da divulgação realizada nas mídias sociais do Comitê, incentivou-se a doação financeira, no valor de R\$50,00, para aquisição de cesta com alimentos orgânicos produzidos por agricultores familiares. Recebeu-se doações pessoais e também da Associação dos Professores (APROF/FURB) e dos Sindicato Único dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal de Blumenau (SINTRASEB).

A partir disso, firmou-se parceria para aquisição de alimentos com o Centro de Motivação Ecológica e Alternativas Rurais (CEMEAR), da cidade de Presidente Getúlio-SC e o Projeto Abrigos da Terra, beneficiando diretamente 13 famílias que estão iniciando a produção de alimentos agroecológicos em municípios do Alto Vale do Itajaí. Foram adquiridas 150 cestas (9,3kg) de alimentos agroecológicos, totalizando a aquisição de 1.400 kg de alimentos e 300 litros de leite. Também foram transferidos recursos para compra de material de construção visando o reparo das residências de trabalhadores dos EES atingidas pelo Ciclone.

Foram atendidas: 20 famílias da Associação de Amigos, Familiares e Usuários do Sistema de Saúde Mental de Blumenau (ENLOUCRESCER); 07, da Associação de Amigos, Familiares e Usuários do Sistema de Saúde Mental de Indaial/SC (AUFASAM); 55, da Cooperativa dos Trabalhadores Coletores de Resíduos Recicláveis de Blumenau (COOPERRECIBLU); 13, dos EES Café com Arte, Garciarte, Associação Blumenauense de Tecelagem (Verbo Tecer); 03, do Sindicato Único dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal de Blumenau (SINTRASEB) e 11, da Associação Blumenauense na Luta Contra o Câncer (ABLUCAN), totalizando 109 famílias.

O Comitê viabilizou, junto aos empreendimentos vinculados à RESVI, a produção de 1.500 máscaras de proteção para atender demanda da própria Universidade.

Também realizou campanha para o correto destino de produtos de proteção à COVID-19 (principalmente máscaras), campanha

incentivando o isolamento social e cuidados de proteção frente à pandemia, apoiou e acompanhou solicitações de auxílio emergencial e atuou junto ao Fórum Catarinense de Economia Solidária na reivindicação de medidas de apoio a economia solidária.

Como desdobramento das ações realizadas pelo Comitê, está sendo criada a Rede Solidária de Produção e Consumo de Agroecologia do Vale do Itajaí. Ainda em fase de organização, a rede pretende organizar a compra coletiva de alimentos orgânicos produzidas pelas famílias de agricultores do Projeto Abrigos da Terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto da crise do coronavírus, em que a preocupação com a coletividade se faz necessária para evitar a proliferação do vírus a economia solidária, aparece como uma alternativa aos trabalhadores e reafirma a importância de construir laços de cooperação, cuidado mútuo e solidariedade para enfrentar os desafios que estão postos.

Diante do desamparo estatal e das medidas protetivas governamentais insuficientes para enfrentar as expressões da questão A organização do Comitê apresentou-se como uma importante iniciativa de apoio aos trabalhadores dos EES, que por meio dele acessaram os mínimos sociais e possibilidade de reintegração socioeconômica e constituição de redes de colaboração solidária.

O Comitê, mesmo com uma ação pontual possibilitou que trabalhadores/as da economia solidária afetados diretamente pela pandemia pudessem ter acesso a condições mínimas de amparo e proteção por parte da rede de economia solidária existente ao mesmo tempo fomentou a constituição de uma rede solidária de apoio aos produtores de alimentos agroecológicos da região. A visibilidade da atuação do Comitê tem permitido que outras pessoas se agreguem a rede de economia solidária na condição de

consumidores. Assim, o Comitê terá como resultado organizativo no campo da economia solidária na região a constituição de um grupo de consumidores agroecológicos que possibilitará a formação de uma Rede Solidária de Produção e Consumo de Alimentos Agroecológicos como experiência de articulação campo-cidade em Blumenau/SC. Iniciativas que possibilitam afirmar que a economia solidária sairá fortalecida neste contexto de pandemia.

Solidarity Committee: Solidarity Economy Networks as an alternative to the COVID-19 crisis

ABSTRACT:

With the crisis generated by the COVID-19 pandemic, countless workers in the economic enterprises that make up the Vale do Itajaí Solidarity Economy Network (RESVI) had their activities paralyzed, compromising income generation. In this context, the Vale do Itajaí Solidarity Economy Network (RESVI) and the Popular Cooperatives Technological Incubator (ITCP/FURB) created the “Solidarity Committee - Solidarity Economy Networks as an Alternative to the Covid-19 Crisis” to organize donations, collect contributions and foster economic cooperation through the establishment of a system of exchanges and/or acquisition of products and services from Solidary Economic Enterprises (EES). With the funds raised, over 100 families were served, relationships with a lot of social organizations were established could instigated collaborative and associative economic exchange between the ESS.

KEYWORDS: Pandemic. Isolation. Solidarity Economy. Solidarity.

REFERÊNCIAS

LAPORTE, Ana Luiza. **Encantar a vida com as redes de colaboração solidárias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. 52 p. (Série Trilhas Educativas; caderno 4).

SCHIOCHET, Valmor. **A construção de uma economia solidária para superar a crise**. FES BRIEFING, julho de 2020. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/16369.pdf>

6- Reinvenção da produção: uma estratégia solidária para o enfrentamento de tempos desafiadores no tear

Denise Castanho Antunes

terapeuta ocupacional, coordenadora de equipe do Tear CV:

<http://lattes.cnpq.br/4737763896736334>

Karen Antonia dos Santos,

psicóloga residente do programa de residência multidisciplinar em Saúde

Mental de Guarulhos, <http://lattes.cnpq.br/3274564123354722>

Sebastião Oliveira Neto,

supervisor de projetos Tear, <http://lattes.cnpq.br/1445706770487480>

Vania Paula Sala Lorençato,

supervisora de projetos Tear, <http://lattes.cnpq.br/6807911072460425>

RESUMO:

Os efeitos da pandemia no cotidiano do Tear trouxeram novas formas de acolhimentos aos participantes das oficinas além de estratégias solidárias e de reconversão produtiva. Com a impossibilidade da continuidade das estratégias coletivas, após Guarulhos/SP decretar estado de calamidade pública, as ações de

teleatendimento, de captação de cestas básicas para casos mais vulneráveis e novas formas produtivas se fizeram necessárias. A principal atividade foi a produção das máscaras de proteção organizada de forma cooperada na criação, produção, divulgação e logística de entrega. Os principais desafios foram à manutenção de condições de segurança e manuseio, grandes encomendas em prazo de entrega restrito, afastamentos dos trabalhadores e a manutenção das bolsas oficinas aos participantes mensalmente, alçadas com a comercialização das máscaras. As marcas deste período são irreversíveis, porém os princípios da economia solidária nos fortaleceram para superar as adversidades e criar estratégias criativas, cooperadas e solidárias que ressaltaram uma equipe potente e comprometidas para continuidade de garantia de direitos aos integrantes do Tear.

Palavras chaves: economia solidária, enfrentamento a covid19, saúde mental, retroversão.

ABSTRACT:

The effects of the pandemic on daily life Tear new forms of welcoming to workshop participants in addition to solid strategies and productive recovery. With the impossibility of investigating collective strategies after Guarulhos/SP, decree the estate of public calamity as actions of call enters, capture of basic actions for more vulnerable cases and new forms of production used. The main activity was the production of protective masks organized in a cooperative way, in the creation, production, dissemination and delivery logistics. The main challenges were the maintenance of safety and handling conditions, large orders with restricted delivery times, removal of workers and maintenance of financial return to participants monthly, reversed by the sale of masks. The marks of this period are irreversible, but the principles of solidarity economy

improve us to overcome adversities and create creative, cooperative and solidary strategies that highlight a powerful team committed to the resistance of guaranteeing rights to Tear members.

Key words: solidarity economy, coping with covid19, mental health, retroversion

INTRODUÇÃO

O TEAR, dispositivo da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) de Guarulhos/SP, integra 9 empreendimentos econômicos solidários atuando no campo da inclusão social pelo trabalho, cultura e convivência desde 2003. Com a impossibilidade de ações coletivas em função das medidas de isolamento social indicadas para conter a pandemia, fez-se necessário reinventar nossas práticas, defendendo o sistema único de saúde nesse momento tão crucial, propondo ações e garantido direitos aos participantes.

As ações foram pautadas para acompanhamento e manutenção de vínculos sociais, bem como continuar gerando renda e outros benefícios psicossociais.

METODOLOGIA

As ações de acompanhamentos e fortalecimento de vínculos foram:

a) Os teleatendimentos semanais com os 130 participantes das oficinas e seus familiares, acompanhando seu cotidiano de isolamento social e suas relações interpessoais, além da atualização de informações sobre prevenção à covid-19.

b) Criação de rodas de conversas online, duas vezes por semana, com dezenas de usuários, utilizando plataformas de vídeo chamadas e promovendo um espaço de trocas sociais entre usuários, profissionais e familiares.

A reorganização da produção deu-se através da criação de um mutirão de produção de máscaras de tecido, envolvendo os profissionais da equipe e alguns participantes da oficina de Tear e Costura gerando renda para os 100 participantes das oficinas de trabalho.

E também ações de articulação da rede intersetorial e da RAPS para captação e distribuição de cestas básicas e kits de higiene pessoal para os casos mais vulneráveis.

RESULTADOS

Ao longo dos quatro meses da pandemia foram realizados 2270 ações de teleatendimento e seus desdobramentos, 35 cestas básicas e kits de higiene distribuídos para casos mais vulneráveis, além de novas captações, bem como a produção de 2610 máscaras artesanais, gerando R\$21.581,00 que foram revertidos grande parte para bolsa oficina aos participantes e parte para compra de materiais para produção. Vale destacar a participação na Campanha Tecido Solidário promovido pela rede SESC, que distribuiu máscaras para os trabalhadores do SESC Guarulhos, para uma associação, para o comércio do entorno e para os participantes do Tear. Gerou, ainda, nova encomenda de mais de 960 máscaras inclusivas que está em curso e em planejamento de novas produções.



Figura 1 e 2: produção de máscaras artesanais para Campanha Tecido Social do SESC. Fonte: Carlos Eduardo Serejo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da interrupção das atividades cotidianas do serviço, tanto funcionários como usuários foram tomados de grande ansiedade e insegurança quanto ao futuro próximo. Com a realização do conjunto de ações apresentadas, foi possível reinventar-se como um serviço nesse período de pandemia e afastamento social. Os vínculos entre profissionais, usuários e familiares foram assegurados e fortalecidos, transformando a ausência em presença, à distância física em proximidade afetiva e as angústias e medos em solidariedade e acolhimento, renovando os modos de produção, acolhimento, fortalecimento comunitário, baseado na criatividade, na solidariedade e no bem comum.

esse processo se desdobrou e das reflexões que animaram este caminho.

PALAVRAS-CHAVE: economia solidária; saúde mental; pandemia; trabalho.

“Há dez mil modos de pertencer a vida e de lutar pela sua época.”

Nise da Silveira

A pandemia de COVID 19 trouxe mudanças, incertezas e questionamentos para todos. Nossa intenção com esta escrita é fazer uma marca que nos possibilite compartilhar com outras pessoas o caminho que traçamos para atravessar esse momento.

A vivência em um empreendimento coletivo de saúde mental e geração de renda que tem uma organização de trabalho fundamentada na economia solidária, foi interrompida pela pandemia. Num primeiro momento, pensamos que, se diminuíssemos o número de participantes em cada turno e usássemos máscaras, seria um jeito de nos adaptarmos ao contexto da pandemia sem interromper as atividades. No entanto, a cada dia, com as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), chegavam diretrizes que restringiam a nossa possibilidade de trabalho presencial, em coletivo. A classificação dos grupos de risco que leva em conta a idade, as comorbidades e as doenças crônicas orientava parte dos nossos oficinairos a manter-se em isolamento social.

Este passou a ser o nosso desafio na rotina de trabalho, pois as diversas atividades de produção aconteciam na Oficina GerAção POA, com a participação média de cinquenta pessoas por turno. Uma das características principais deste trabalho é a transmissão de conhecimento e o suporte mútuo⁵ entre os participantes, o que

⁵ Tomamos o conceito de suporte mútuo tal como elaborado no *Manual de Ajuda e Suporte Mútuo em Saúde Mental: para facilitadores, trabalhadores e profissionais de saúde e saúde mental*. Segundo o Manual, “suporte mútuo visa primordialmente realizar juntos (usuários, familiares e pessoas conhecidas e amigas do campo) atividades sociais, artísticas, culturais, esportivas, comunitárias, de lazer, de reconhecimento e a utilização de recursos sociais na comunidade local e na sociedade.” (p. 25, 2013).

envolve contato e proximidade, duas atitudes que se tornaram sinônimo de perigo durante a pandemia.

A *GerAção POA: Oficina Saúde e Trabalho*⁶ é um serviço do Sistema Único de Saúde (SUS) que faz parte da Rede de Atenção Psicossocial do município de Porto Alegre/RS e promove ações em saúde e trabalho para usuários da Saúde Mental. O serviço trabalha com geração de renda e sustentabilidade através do trabalho coletivo e dos princípios da Economia Solidária: autogestão, cooperação, solidariedade, relações horizontais de trabalho e comércio justo.

Como seguir gerando renda e cuidado em saúde mental sem a possibilidade de encontros presenciais?

A partir das orientações da Secretaria Municipal de Saúde, determinando a suspensão das atividades em grupo, organizamos, junto com osicineiros, um conhecimento compartilhado sobre as formas de prevenção ao vírus. A troca de informações, durante a primeira semana, foi construindo um posicionamento de que, todos, deveríamos ficar em casa até a situação passar. No entanto, ninguém imaginava que essa diretriz seria por tempo indeterminado e a equipe⁷ passa a reunir-se, diariamente, para construir e elaborar formas de cuidado em saúde mental durante o período. Diante da suspensão prolongada, foi necessário reunir também a coordenação do Conselho Local de Saúde⁸ para pensar em estratégias que

⁶ O nome deste serviço de saúde foi escolhido pelos usuários que faziam parte na época de sua fundação, em 1996. Enquanto dispositivo/serviço da rede substitutiva ao modelo de atenção hospitalocêntrico de cuidado em saúde mental, a Oficina de Geração de Renda é um serviço integrante da Rede de Atenção Psicossocial da Secretaria de Saúde do Município de Porto Alegre. Por ser o único serviço com estas características é a referência para todo o território da cidade, acolhendo usuários encaminhados de toda a cidade.

⁷ As profissionais, servidoras públicas, que compõem a equipe da GerAção POA neste momento são duas Terapeutas Ocupacionais e duas Psicólogas.

⁸ Conselho Local de Saúde faz parte do controle social do SUS e é vinculado ao Conselho Municipal de Saúde. É composto pelos segmentos usuários,

possibilitariam aproximar as pessoas, tendo em vista a intenção de dar continuidade ao cuidado com e entre osicineiros. Era preciso construir formas de estar em isolamento físico e social, mas não em isolamento afetivo.

Os nossos primeiros contatos com osicineiros foram feitos por telefone. Logo percebemos que muitos referiam a necessidade de compartilhamento dos sentimentos referentes ao momento, como também questionavam quando seria o retorno das atividades de trabalho na GerAção POA. Escutamos falas recorrentes sobre a vontade de rever os colegas e saudades dos encontros. Em virtude deste novo cenário e preocupadas com a saúde mental dosicineiros, passamos a buscar referências através de materiais da FIOCRUZ, artigos e lives de profissionais da área. A partir daí, organizamos alguns grupos, chamados de “afetos”. Estes grupos eram realizados por vídeo chamada pelo whatsapp, tendo no máximo três usuários e um profissional, limite configurado pelo aplicativo naquele momento.

Outra questão importante para a GerAção POA era manter a comercialização dos produtos e a divisão do dinheiro. Para dar conta disso, retomam-se os encontros, de forma online, do Conselho Fiscal⁹ e as reuniões de comercialização. O Conselho Fiscal, então, passa a se reunir para verificar o valor das vendas que estão sendo realizadas de forma online ou via whatsapp da GerAção. O grupo de comercialização, responsável por criar estratégias de vendas, segue reunindo-se semanalmente, com pautas que visam à geração de renda no período da pandemia.

trabalhadores e gestores. Este conselho tem caráter deliberativo, tendo participação efetiva nas decisões que envolvem a Unidade de Saúde.

⁹ O Conselho Fiscal é responsável pela organização dos valores de entrada e saída, bem como pela divisão da renda mensal entre todos as/osicineiras/os. O Conselho é composto por trêsicineiros e uma servidora pública da equipe.

Durante este período, também realizamos algumas visitas domiciliares aos oficinairos que não possuíam acesso à internet e que eram do grupo de risco, mas que considerávamos essencial estarmos próximos de alguma forma. Para estes, entregávamos retalhos de tecido, linhas e agulhas, numa intenção de que a atividade de bordado pudesse auxiliá-los a enfrentar o que era novo para todos nós: os medos, as inseguranças, as tristezas frente à pandemia. Com as visitas e o transcorrer dos grupos de afetos, que duram duas semanas e nos fazem perceber o quanto o desejo de retornar ao fazer do GerAção POA estava presente nas falas, pensamos em realizar oficinas online, onde a atividade estivesse no centro deste cuidado.

Segundo diversos pensadores que se dedicaram a formular o conceito de atividade, esta passa a ser vista como elemento que promove o encontro e o diálogo entre o sujeito, seu grupo social, seu tempo histórico, sua tradição cultural. (VIEIRA; CLAUDINO, 2007; MALFITANO, 2005; BARROS; GHIRARDI; LOPES, 2002, APUD LIMA, OKUMA, PASTORE, 2013). Em nossa prática cotidiana, a atividade é um meio através do qual realizamos o cuidado, potencializamos o processo de criação e exercitamos posições de autonomia.

Para oportunizar a participação nas oficinas online de um número maior de oficinairos, começamos a utilizar o aplicativo *Jitsimeet*, auxiliando-os com a utilização deste recurso. Alguns oficinairos compareciam na sede da GerAção POA por diferentes motivos, solicitando cuidado e, de acordo com o Plano de Trabalho Singular, davam continuidade à confecção de produtos, agora de forma individual.

Desde o começo da pandemia, instigamos os oficinairos a pensar como estavam lidando com a nova rotina que se estabelecia e o que consideravam pertinente compartilhar com outras pessoas, como forma de auxiliá-las a enfrentar o momento. Muitas postagens foram

feitas na página do Facebook e Instagram da GerAção POA¹⁰ onde os oficinairos eram protagonistas destas reinvenções: composição de músicas, o bolo caseiro feito, o bordado preenchido.

Com a elaboração de um cronograma de oficinas¹¹ distribuídas na semana, enviado por mensagem aos oficinairos, cada um pôde escolher a oficina que gostaria de fazer parte. A abertura desses espaços possibilitou a construção coletiva sobre o modo de funcionar, escutando o desejo dos usuários e a força criativa que opera em cada encontro. As oficinas online contribuem para nos reaproximar do processo de criação e de produção onde se pensa, em cada espaço, o que pode ser utilizado nos produtos já existentes, o que se pode criar de novo, ou ainda, que elementos podem se transformar em novas artes para os nossos produtos. Esse processo faz com que elas se caracterizem como oficinas de trabalho. Algumas produções são postadas nas redes sociais da GerAção POA, o que oportuniza vendas online, encomendas de produtos e promove o investimento na retomada da geração de renda. As oficinas online, nesse momento, possibilitam compartilhamentos, trocas de afetos e trocas sociais.

Frente a um cenário que desestabiliza nossa forma de organização do trabalho e nos fragiliza, temos a necessidade de afirmar nosso compromisso ético com o cuidado. A pandemia nos colocou impasses, mas também nos convocou a reinventar nosso cotidiano de trabalho. Um dos efeitos que podemos destacar desse processo é a força de invenção que os oficinairos tem demonstrado nessa reconfiguração das formas de trabalhar. Também temos aprendido juntos sobre as tecnologias. Viver em rede já era um modo

¹⁰ Os endereços eletrônicos da GerAção POA são: Facebook: /geracaopoa e Instagram: @geracaopoa

¹¹ Entre as oficinas online, temos: Culinária, Desenho, Música, Leitura, Fotos, Cartilha Ressoar, Bordado. Além de um grupo de estudos de Economia Solidária, realizado quinzenalmente, com a Companhia Girassol de Belo Horizonte/MG.

de existência deste coletivo, mas depois da pandemia parece que estamos também vivendo nas redes. Estamos atentos para os efeitos nocivos que o uso das tecnologias pode ter mas, por enquanto, temos nos servido das redes sociais para compartilhar uma parte desse processo. São tempos difíceis, que nos impelem a inventar e a criar.

Experiences of mental health and solidarity economy in times of pandemic

ABSTRACT:

This article tells the process of transforming work into a solidarity economy and mental health service enterprise, GerAção POA: Oficina Saúde e Trabalho, in the atmospheric of the COVID 19 pandemic. It seeks to create a way to share this experience through writing, as well as giving a temporary outline to what has been experienced in daily life. It is a brief narrative of how this process unfolded itself and of the reflections that animated this path.

KEYWORDS: solidarity economy; mental health; pandemic; work

REFERÊNCIAS

GALLETTI, Maria Cecília. **Oficina em saúde mental: instrumento terapêutico ou intercessor clínico?** Goiânia: Ed. da UCG, 2004.

LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima, OKUMA, Danielle Guimarães, PASTORE, Marina Di Napoli. **Atividade, ação, fazer e ocupação: a discussão dos termos na Terapia Ocupacional brasileira** in: Cadernos de Terapia Ocupacional. UFSCar; São Carlos, v.21 p.243-254, 2013.

MINISTÉRIO DA SAÚDE – FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz. **Cartilha Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19 – Recomendações Gerais**, 2020.

VASCONSELOS, Eduardo Mourão; WEEK, Marcela. **Desafios e recomendações para a realização de atividades de ajuda mútua online**. Rio de Janeiro, 7 de abril de 2020. Fazem parte do Projeto Transversões ESS-UFRJ. Rio de Janeiro, 2020.

VASCONSELOS, Eduardo Mourão (Coord.): **Cartilha ajuda e suporte mútuos em saúde mental: para participantes de grupos**. Rio de Janeiro: escola de Serviço social da UFRJ ; Brasília: Ministério da Saúde, Fundo Nacional da Saúde, 2013.

VASCONSELOS, Eduardo Mourão (Coord.) **Manual ajuda e suporte mútuos em saúde mental: para facilitadores, trabalhadores e profissionais de saúde e saúde mental**. Rio de Janeiro: Escola de Serviço social da UFRJ; Brasília: Ministério da Saúde, Fundo Nacional da Saúde, 2013.

8- Reabilitação, Trabalho e Arte na pandemia da COVID-19: desafios da geração de renda em saúde mental

Aline Oliveira,

graduanda do curso de Terapia Ocupacional da UFPel

Fernanda Ziglia Prietto Kruger,

servidora pública e arte terapeuta na RETRATE

Gabriela Vares,

graduanda do curso de Terapia Ocupacional da UFPel

Larissa Dall' Agnol da Silva,

professora no curso de Terapia Ocupacional da UFPel

RESUMO:

O relato de experiência diz respeito ao funcionamento da Reabilitação Trabalho e Arte de Pelotas, Rio Grande do Sul diante da pandemia da COVID-19. A RETRATE é uma oficina de geração de renda vinculada à Secretaria Municipal de Saúde que compõe a Rede de Atenção Psicossocial. Tendo em vista a necessidade de isolamento social foram utilizadas as ferramentas de tele atendimento individual e pela internet através das mídias sociais, recursos já comumente utilizados. Os resultados do presente estudo são surpreendentes,

evidenciando a força solidária dessa união, expressada através de sua dedicação junto à comunidade no enfrentamento da pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: Oficina de geração de renda, saúde mental, pandemia, covid-19.

INTRODUÇÃO

A Reabilitação, Trabalho e Arte (RETRATE) é um dos dispositivos de cuidado em Saúde Mental da Rede de Atenção Psicossocial de Pelotas, localizada no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul.

Reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020, a pandemia da COVID-19 teve seu primeiro caso relatado em dezembro de 2019, como síndrome respiratória grave na cidade de Wuhan, na China. No entanto, até o momento, ainda não se sabe a real origem e os possíveis vetores intermediários do vírus, bem como seu mecanismo exato de funcionamento. (OLIVEIRA; DE MORAIS, 2020).

O primeiro sequenciamento de seu genoma completo, realizado na região norte do Brasil por pesquisadores do Instituto Leônidas e Maria Deane, revelou nas primeiras análises nove mutações diferentes do vírus em relação a amostra original, da China. Essa constatação vem preocupando cientistas do mundo todo, afinal o que se vivencia é uma crise sanitária, social e econômica jamais vista anteriormente na história da humanidade. (OLIVEIRA; DE MORAIS, 2020).

Segundo o Ministério da Saúde, no Brasil os números já ultrapassam 1.864.681 de casos confirmados e mais de setenta mil mortes até a escrita deste texto, em 12 de julho de 2020. Tais dados apontam que a população vem morrendo com preponderância nas cidades localizadas próximas às grandes metrópoles. O Ministério da Saúde já registra mais de cinquenta mil mortes nas regiões metropolitanas, e vinte mil mortes no interior e entorno. As maiores concentrações de casos situam-se na região Sudeste, seguida da Nordeste, ultrapassando 600 mil casos cada. A região Norte computa mais de 300 mil casos. As regiões Centro-Oeste e Sul, registram mais de 100 mil casos confirmados cada. (BRASIL, 2020).

Para a OMS, o uso de máscara é uma proteção fundamental. Para garantir eficiência e segurança alguns protocolos devem ser corretamente seguidos, tanto no uso e na confecção das máscaras. Também é importante a lavagem correta das mãos, com água e sabão ou uso do álcool em gel no momento de colocar e tirar a máscara. (BRASIL, 2020).

Impõe-se, dessa forma, em tempos de pandemia, a construção de novas abordagens em saúde mental para aproximar as pessoas, tendo em vista o enorme potencial de sofrimento psíquico gerado pela crise sanitária mundial que, aliada a uma grave crise econômica já anteriormente existente em toda a periferia do capitalismo, vêm assolando as famílias e seus contextos sociais e econômicos, dificultando a satisfação das necessidades básicas para sua sobrevivência.

Para Paul Singer, a economia solidária entende diferentes as associações e cooperativas como um caminho para geração de renda diante do sistema capitalista. *“As iniciativas de economia solidária, cooperativas solidárias, empreendimentos solidários e oficina de geração de trabalho e renda, rompem, não só com a economia conservadora, mas também com práticas marcadas pelo neoliberalismo”*. (SILVA, Larissa. p.34, 2018).

É fundamental conhecer como se dão os processos neste momento e afirmar o espaço das mídias sociais como complementares às práticas já realizadas na estrutura física da RETRATE. Em tempos de crise, criar e inventar os processos de trabalho desse mundo novo, cheio de incertezas e com novos hábitos até que a ciência finalmente encontre a saída em pesquisas já em desenvolvimento.

METODOLOGIA

O relato de experiência que ora se propõe inicia-se a partir de oficinas de artesanato em teleconsulta e pelas mídias sociais do Whatsapp e Facebook, essa última no sítio virtual da página da RETRATE, disponível no link: <https://www.facebook.com/retratepelotas/>, havendo publicações todas as terças e sextas-feiras, através de vídeos gravados com passo a passo de como fazer artesanato em casa, os vídeos estão disponibilizados para qualquer pessoa que acessar a página. O teleconsulta encontra-se disponível diariamente para qualquer pessoa que entrar em contato pelo telefone do departamento de saúde mental da Secretaria Municipal de Saúde, os atendimentos são individuais e com duração de cinquenta minutos. Mostrou-se necessário pensar alternativas para manter a proximidade e a comunicação coletiva entre as mulheres envolvidas na geração de renda, em face da indispensabilidade do isolamento social, um grande e urgente desafio que se impôs a todos(as) nós.

Convidadas, a partir de iniciativa das integrantes, a tomar parte em grupo whatsapp já existente desde 2016 e que visava o compartilhamento da vida cotidiana entre as trabalhadoras da RETRATE. Nesse espaço, trocamos ideias e experiências dos desafios diários que a pandemia vai apresentando. Essa proposta se assemelha aos grupos de ajuda e suporte mútuo online. Trocamos conhecimento sobre artesanato, receitas culinárias, entre outros temas que vão surgindo espontaneamente. Neste sentido o presente relato de experiência apresenta resultados sobre a construção de alternativas de cuidado na perspectiva da citada oficina de geração de renda de Pelotas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foi possível reconstruir outras possibilidades através das mídias sociais. Começamos a lançar vídeos e conseguimos encontrar uma maneira de confecção das máscaras com produção a partir de suas residências, ou seja, afastadas fisicamente, mas não distantes dos afetos.

Percebemos que o distanciamento físico nos aproximou em rede, impulsionando nossos objetivos comuns, como a confecção de máscaras, as trocas de modelos e moldes transmitidos pela internet que, aprofundou nosso conhecimento com as tecnologias digitais.

Cabe destacar o conhecimento adquirido e construído nesse momento, através da transposição das dificuldades iniciais, em particular no que se refere aos meios para conseguir expor, compartilhar e vender o material produzido. Nossas vendas são através da internet, na página da RETRATE no facebook. Podemos considerar que os grupos foram um fator de motivação para que essas trabalhadoras se dedicassem a aperfeiçoar suas habilidades artesanais e autogestionárias, divulgando, oferecendo e aceitando encomendas mesmo em tempos de pandemia, em um contexto de abalo emocional decorrente da crise sanitária vivenciada.

O grupo no whatsapp foi criado pelas artesãs em julho de 2016, trabalhadoras das oficinas de geração de renda. Diante da pandemia, as artesãs começam a fazer gestão de seu trabalho, inseridas na RETRATE e com a característica do grupo no sentido da ajuda e suporte mútuo já construída. É perceptível o envolvimento, a empatia, aproximação entre as trabalhadoras e a autogestão do trabalho. Um aprendizado coletivo, inspirado na solidariedade e troca de experiências, histórias de vida e visões de mundo.

As impressões individuais, as percepções sobre as frustrações diante de tantas incertezas, se torna um fator catalizador para a singularidade de cada sujeito nesse processo, e por conseguinte

promover o sentido de empatia. Na mesma esteira, favorece a reflexão acerca da importância da escuta, acolhimento, valorização dos fazeres e cada um, a partir da solidariedade como princípio que norteia um caminho para o fortalecimento dos laços afetivos necessários ao enfrentamento da pandemia.

O ambiente de consumo físico estará reduzido expressivamente por período relativamente longo, estando pautado pela necessidade de distanciamento social e medidas preventivas de saúde dele decorrentes. Essa situação desafiou manter o fluxo de produção e vendas pela internet. Espera-se uma procura maior por produtos e marcas oriundos de iniciativas que resguardem e promovam a sustentabilidade e que sejam orientadas por engajamento ético e político

A participação de todas as trabalhadoras da RETRATE em oficina de valorização do artesanato, através do curso *“Acredite no valor do seu trabalho”*. Trata-se de momento de grande relevo, pois se trata da primeira oficina de valorização de que o grupo participa de forma conjunta. Trata-se de curso totalmente gratuito, cuja experiência prévia na atividade, possibilitou sua realização. Disponibilizado na forma on-line, o curso foi composto por três módulos, em frequência semanal, através de vídeos curtos, didáticos e acessíveis. Foram disponibilizados minicursos compreendendo o ensino de confecção de tabelas de cálculos, cálculos para a venda dos produtos, criatividade do artesão, produtos criativos e únicos, como viver de artesanato. Esse curso proporcionou enriquecendo nas percepções e debates que valorizam a matéria prima como resultado final.

Aconteceu ainda a capacitação dos servidores e gestores o *“Curso de saúde mental e atenção psicossocial em situação de pandemia do Covid-19”*. Durante o processo de formação na escola Fiocruz, os debates estiveram relacionados aos desafios e às características dos atendimentos on-line diante da pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível apresentar outras formas de construir trabalhos em rede, rede essa tecida acima de tudo por afetos e compartilhamento, por diferentes pessoas, as quais se somam para, juntas, capacitarem-se mutuamente para realizar um trabalho artesanal e coletivo em tempos de crise sanitária. O presente artigo demonstra a necessidade e interesse na realização de mais estudos relacionados à geração de renda e ao processo de reconstrução do cotidiano a partir da pandemia da COVID-19. Destaca-se, aqui, como matéria-prima, a aproximação entre as pessoas e o aprendizado conjunto para multiplicar a arte e a economia solidária como uma caminhada coletiva e em constante transformação, enfrentando os desafios que já eram impostos pela crise do modelo capitalista e sua atual feição rentista, ora agravados sobremaneira pela crise sanitária, conjunção essa que apenas a reunião de muitas mãos poderá ser capaz de suportar.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretarias Estaduais de Saúde. **COVID-19 no Brasil**. Brasília, DF, 2020.

Brasil, Ministério da Saúde. Saúde Mental e Atenção Psicossocial na pandemia Covid-19. Recomendações para gestores. Fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz, RJ, 2020.

Brasil, Ministério da Saúde. Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19. Recomendações Gerais. Fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz, RJ, 2020.

BELLO, H. M. R. *et al.*, 2020. Edição especial sobre o trabalho da Enfermagem na APS durante a pandemia da Covid-19. **Associação Brasileira de Enfermagem – Seção RS**. Pelotas, v. 2, p. 13. Disponível em: <https://www.portalcoren-rs.gov.br/docs/BoletimDAPSano%203junho2020.pdf> Acesso em: 15 jul. 2020.

FRANCO, A.G. *et al.* Máscaras cirúrgicas em tempos de coronavírus. **Interamerican Journal of Medicine and Health**. v.3. 30 de mar. 2020. Disponível em: <https://iajmh.com/iajmh/article/view/73>. Acesso em: 12 jul. 2020.

OLIVEIRA, E.S.; DE MORAIS, A.C.L.N. COVID-19: uma pandemia que alerta à população. **Interamerican Journal of Medicine and Health**. v.3. 02 de abr. 2020. Disponível em: <https://iajmh.com/iajmh/article/view/80>. Acesso em: 12 jul. 2020.

SINGER, Paul. **Economia solidária versus economia capitalista**. Soc. estado, Brasília, v. 16, n. 1-2, p. 100-112, dez. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922001000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 jul. 2020.

SILVA, L. Dall Agnol. **Narrativas dos trabalhadores e das trabalhadoras na construção da reabilitação, trabalho e arte de Pelotas (2004 – 2018)**. Dissertação de mestrado Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

9- Economia Solidária em Saúde Mental à frente da COVID 19: Caso “Makeba Bijus”

Ana Paula de Freitas Guljor

<http://lattes.cnpq.br/5084210138161307>

Guilherme Silva Lima

<http://lattes.cnpq.br/8493101532005760>

Patrícia Nassif da Cruz

<http://lattes.cnpq.br/9204631501595688>

RESUMO:

O advento da pandemia de COVID 19 com a necessidade de implementação do distanciamento social gerou impacto em diversas áreas e dentre elas as iniciativas de geração de renda e economia solidária que vinham sendo desenvolvidas nas redes de atenção psicossociais. Assim, muitas destas experiências reinventaram-se para garantia de sustentabilidade mas funcionaram da mesma forma como espaços de acolhimento. O objetivo deste relato é apresentar a experiência de economia solidária “Makeba Biju” desenvolvida pelo CAPS Miriam Makeba no RJ. Utilizou-se a análise de narrativas coletadas em encontros com o grupo participante (usuários e

trabalhadores envolvidos na oficina). Como resultado principal observou-se a capacidade do processo de trocas coletivas e da estrutura autogestionária em garantir a manutenção das atividades. A experiência também se mostrou como um potente espaço de acolhimento e construção de protagonismo para os envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: Economia Solidária. Saúde Mental. COVID 19. Geração de Renda.

INTRODUÇÃO

A nova Pandemia causada pelo COVID-19, considerada uma catástrofe histórica vem afetando a vida cotidiana em todos os aspectos. Somado à crise sanitária também as crises econômicas sociais desnudam as desigualdades de acesso e condições de vida sendo o Brasil um exemplo contundente. As estratégias desenvolvidas pela sociedade para a superação dos desafios da precariedade das políticas de proteção social e redução da injustiça social tem na economia solidária uma importante contribuição. No campo da saúde mental a nova realidade imposta pela pandemia, afetou para além do campo econômico, a realidade objetiva do cotidiano do cuidado e as ações desenvolvidas pelos serviços, principalmente os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Entretanto, atividades econômicas coletivas pautadas na Economia Solidária, vêm utilizando a criatividade no enfrentamento aos desafios apresentados pela COVID-19. As experiências de economia solidária em saúde mental não se restringem a busca de formas de geração de renda para uma clientela em sua maioria pertencente as franjas da sociedade. A construção do protagonismo, a ampliação das redes de apoio faz com que as estratégias de geração de renda e trabalho tenham lugar de destaque na Reforma Psiquiátrica. Desta forma, tem a potência de desconstrução do estigma de periculosidade e incapacidade atribuído as pessoas em sofrimento psíquico, principalmente as em maior vulnerabilidade social. A transformação do lugar social da loucura é permeado de modo intrínseco pelo Trabalho em suas várias vertentes objetivas e subjetivas. Este artigo se propõe a realizar o relato de experiência da Oficina de geração de renda 'Makeba Bijus' desenvolvida no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Miriam Makeba situado no bairro de Ramos, na cidade do Rio de Janeiro. Retrata desta forma os desdobramentos da pandemia no processo de trabalho desenvolvido

por esta experiência com usuários da Rede de Atenção psicossocial, seus impasses e desafios para manutenção de suas atividades.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o relato desta experiência foram as narrativas recolhidas pela equipe do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental e Atenção Psicossocial- LAPS da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca/FIOCRUZ RJ. Estas no contexto de um projeto de desenvolvimento de um programa de geração de renda e economia solidária, em parceria com a assessoria em geração de renda e economia solidária da Superintendência de Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro. O processo foi iniciado em dezembro de 2019 e se encontra ainda em vigência, mas com o período de distanciamento social ainda não foi finalizado. O recorte utilizado inclui um encontro mensal do grupo de trabalho e geração de renda realizado como primeira aproximação com os representantes das iniciativas de trabalho atuantes na rede de atenção psicossocial do município do RJ, a gravação de um vídeo sobre algumas experiências da rede de atenção psicossocial realizado em fevereiro de 2020 e um encontro virtual em julho de 2020. As narrativas são dos coordenadores das experiências de economia solidária e os usuários participantes destas. Foram descritas as características de duas experiências e posteriormente apontados os impasses que se estabeleceram no período de distanciamento social durante a pandemia de COVID-19 e as formas reinventadas de manutenção das atividades.

DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Miriam Makeba foi fundado em 2014 sendo um dentre os sete CAPS-AD da cidade do Rio

de Janeiro Situado no bairro de Ramos, na zona norte, atende uma região de vasta densidade populacional que compreende um dos maiores complexos de favelas do município. Configura-se em um CAPS III sendo assim de funcionamento 24h com leitos de acolhimento noturno. Tem como perfil uma população vulnerabilizada entre os quais pessoas em situação de rua. Também é a unidade de suporte especializado a usuários em cenas de uso de drogas da região. Dentre os 520 cadastrados, 120 usuários frequentam regularmente o serviço. A Unidade de Acolhimento

A Oficina de bijuterias “Makeba Bijus” foi fundada em julho de 2018 e desenvolve suas atividades dentro do CAPS. Essa iniciativa baseia-se nos princípios da economia solidária (auto gestão, cooperação, solidariedade). Hoje são em média 10 a 12 participantes, todos usuários CAPS. Inicialmente as vendas eram mais específicas, abrindo para as vendas on line, onde postam os modelos de bijuterias confeccionados no dia, por meio das redes sociais (Instagram e Facebook). Este é um diferencial observado na forma de escoamento e divulgação de sua produção já em um período anterior a pandemia. Um importante canal de vendas eram os eventos em Saúde Mental que aconteciam na cidade, antes da pandemia do Covid 19. Um outro aspecto destacado desta experiência é sua forma de funcionamento onde o processo auto gestor está fundamentado em princípios de igualdade e solidariedade. Isso pode ser vislumbrado por meio das trocas de saberes e experiências entre os participantes, onde um aprende com o outro o processo de produção, sendo esta afirmação presente em muitas falas dos usuários em vários momentos da descrição do processo de trabalho. É possível ter esta percepção, por exemplo, na produção de brincos onde cada participante traz para o grupo sua experiência e forma de construção das peças que vão sendo aperfeiçoadas pela troca de novas técnicas e definição coletiva dos novos produtos a serem confeccionados. No curso da experiência, a ampliação da demanda

gerou a necessidade de abertura de frentes de trabalho, conforme a afinidade de cada um. A Oficina criou o “Contrato de Participação” para melhor alinhamento dos processos de trabalho, onde estão definidas as formas de participação singulares e de acordo com a condição de cada participante, além de uma remuneração que é equitativa para todos através das horas dedicadas as atividades. Esta ferramenta possibilitou um novo formato de gestão promovendo maior comprometimento dos usuários com a sustentabilidade da experiência. As reuniões mensais com os usuários e gestores da iniciativa têm uma dinâmica horizontalizada e com características de planejamento, avaliação e articulação do trabalho. Esta atividade tem ocupado na vida subjetiva dos participantes onde se observa a troca de experiências, principalmente questões referentes aos territórios ,dificuldades, potenciais clientes, economia local. Há uma parceria com o Serviço Social do Comércio (SESC), que impulsionou o primeiro momento da experiência dando suporte na qualificação para confecção das bijuterias. Além desta, os moradores da comunidade local ajudam na divulgação dos produtos e, artesãos locais colaboram ministrando aulas. A busca de parcerias constantes em vários níveis e a articulação local nas esferas pública e privada se tornou o modus operandi de manutenção e sustentabilidade da experiência. Podemos reportar essa realidade vivenciada na experiência do “Makeba Bijus” ao pensamento de Singer (2002) quando apresenta a economia solidária como uma concepção mais aproximada das novas práticas de desenvolvimento local/comunitário, apontando a solidariedade como elemento aglutinador das forças sociais necessárias para a construção de uma sociedade mais igualitária.

DISCUSSÃO:

Com o advento da pandemia de COVID -19 anunciada pela Organização Mundial de Saúde em 11 de março de 2020, em meados

de março desse ano, houve uma reorientação na condução do processo de trabalho para garantir a manutenção das atividades do “Makeba Bijus”. Como forma de retratar o amadurecimento da condução da experiência abaixo são elencadas em etapas:

Etapa 1: Paralisação das atividades presenciais e participação em atividades remotas entre os meses de março a maio dividida em dois momentos: o medo, insegurança, dúvidas e perplexidades frente ao novo cenário levou a paralisação inicial. Seu desdobramento foi de reflexão sobre como lidar com a crise de forma coletiva. Os encontros remotos substituíram os presenciais e viabilizaram a troca de idéias e os passos para operacionalização do retorno a forma presencial.

Etapa 2: “Novo” planejamento das atividades presenciais realizado no mês de junho: Após a definição de objetivos foi realizada a reorganização da equipe de trabalho para priorização de vendas que já ocorriam por redes sociais e entregas domiciliares anteriormente. O reconhecimento dos riscos e acolhimento das incertezas e expectativas coletivas possibilitaram uma decisão pela continuidade da expansão das ações.

Etapa 3: Reinício das atividades presenciais no início do mês de julho: a observância dos cuidados de segurança para proteção do contágio se refletiu em uma mudança do local das atividades para um espaço aberto. O que antes era realizado no interior do serviço teve nesta reorientação um aspecto positivo das parcerias e articulação de redes. A Unidade de Acolhimento Adulto Metamorfose Ambulante, em Olaria (bairro vizinho ao de Ramos), espaço de abrigo e moradia para alguns usuários do CAPS Miriam Makeba, passou a ser o espaço dos encontros por contar com um terraço aberto. Este dispositivo também desenvolvia uma experiência

de geração de renda através do Silk Screen, o “Silk em Metamorfose” com venda de blusas e bolsas de estampas criativas as quais também eram vendidas nas feiras e encontros da RAPS no RJ. As parcerias são alçadas a um lugar prioritário de garantia da sustentabilidade. A RAPS da cidade, o Programa de Educação pelo trabalho em Saúde (PET Saúde) e o Projeto Conviver para colaboração na realização das oficinas on line e das lives foram incorporados ao planejamento. No contexto da prevenção do contágio, a assepsia dos materiais e mobiliário além da observância dos procedimentos de higiene integram a rotina de trabalho. Houve redução dos dias de encontro para uma vez na semana.

Nesta readaptação foi preciso readequação das entregas dos produtos vendidos on line, que, desde antes da pandemia, eram entregues pelos usuários moradores do território aos clientes. Esta equipe foi qualificada pra incorporação dos procedimentos de prevenção do contágio

Etapa 4: Intensificar as vendas on line/redes sociais: Um aspecto a ser destacado é a análise dos participantes que não houve decréscimo de vendas de forma significativa. A estrutura de uso das redes sociais foi o fator mais importante na sustentabilidade das vendas que no período de paralização da produção funcionou a partir do estoque pré-existente. Deste modo, também foi acompanhado de um planejamento para ampliar a visibilidade dos produtos. Realização de lives, filmagem de um dia de oficina e outras ações são parte da agenda no cotidiano deste ‘novo’ normal. O momento de angustia e incerteza tem se transformado em momento de inovação com idéias de agregar técnicas ainda não utilizadas como tricô, Macramê e maior variedade de produtos, preocupando-se com tendências da moda e formas de atingir maior clientela.

DIFICULDADES E DESAFIOS

O “Makeba Bijus” possui ainda uma organização informal. A formalização, um espaço próprio que permita reafirmar o processo de autonomia concreta e subjetivamente são desafios. A oferta de apoio técnico no âmbito gerencial e a articulação solidária são diretrizes a médio e longo prazo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das dificuldades para produção coletiva no distanciamento social os usuários conseguiram superar barreiras, encontrando ações durante a pandemia. A busca coletiva e através de relações horizontalizadas e solidárias garantiram não apenas a sustentabilidade, mas também o acolhimento das inseguranças do grupo. Neste contexto, um processo novo surge com reafirmação da potência desta experiência. Por fim, resgatando Singer (2002) explicita a importância da valorização, reconhecimento e fortalecimento das instâncias locais nas esferas econômicas, culturais, políticas, mas sempre perpassados por processos democráticos, autogestionários, emancipatórios dos que vivem nesses locais e das suas organizações coletivas.

Solidarity Economy in Mental Health ahead of COVID 19: “Makeba Bijus” case

ABSTRACT:

The advent of the COVID - 19 pandemic with the need to implement social distance has had an impact in several areas, including the income generation and solidarity economy initiatives that have been developed in psychosocial care networks. Thus, many of these experiences were reinvented to guarantee sustainability but functioned in the same way as welcoming spaces. The purpose of this report is to present the solidarity economy experience “Makeba Biju” developed by CAPS Miriam Makeba in RJ. The analysis of narratives collected in meetings with the participating group (users and workers involved in the workshop) was used. As a main result, the capacity of the collective exchange process and the self-management structure to guarantee the maintenance of activities was observed. The experience as well as being also proved to be a powerful space for welcoming and building protagonism for those involved.

KEYWORDS: Solidarity economy. Mental health. Covid 19. Income Generation.

REFERÊNCIAS

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidaria**. 1^o ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.



UNISOL Brasil
Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários

